

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O BRINCAR NA REVISTA POPULAR: DO DIA-A-
DIA DA CORTE ÀS PÁGINAS DO JORNAL

Verônica Zegur
Campinas, 2004.



Verônica Zegur

O BRINCAR NA REVISTA POPULAR: DO DIA-A-DIA DA CORTE ÀS PÁGINAS DO JORNAL

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Educação Física, sob a orientação da Prof. Ms. Maria Cristina Rosa.

Campinas, 2004.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Verônica Zegur

O BRINCAR NA REVISTA POPULAR: DO DIA-A-DIA
DA CORTE ÀS PÁGINAS DO JORNAL

Orientadora: Prof^ª. Ms. Maria Cristina Rosa

Banca examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Soares

Nota: 10,00

Data: 17 / 12 / 2004

CAMPINAS 2004

A Deus, por me inspirar e caminhar comigo nesta estrada...

A Tiago e Leonardo, meus docinhos...

Nossas brincadeiras e conversas sem dúvida alguma influenciaram muito minha pesquisa.

A vovó Marieta que me encantava com seus contos e narrativas sobre o comecinho do século XX...

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi feito com muitas mãos, muitos corações, muitas vidas. Vidas de personagens oitocentistas que já não existem senão nas linhas dos escritos da época. Vidas de personagens atuais, muito vivos, ainda que na minha lembrança, e que sem dúvida alguma escreveram comigo estas inconcluídas páginas.

Agradeço a Cristina e Roni, esse casal nota mil, que me acolheram e compartilharam comigo muitas experiências. Não sou só orientanda, sou querida, amiga, companheira...

Agradeço a meu pai por me ensinar a amar os estudos e a ser sempre honesta comigo e com as pessoas, e a minha mãe, mulher forte e amiga fiel, que me ensinou a lutar por aquilo que eu desejo conquistar.

Agradeço a meus maninhos, Tiago e Leonardo, sempre amáveis e alegres.

Agradeço a meus avós, tios e primos pela compreensão de tantas ausências e pelas orações incessantes. Valeu pela estadia em julho pra eu poder pesquisar na Biblioteca Nacional!

Agradeço a Ricardinho, companheiro que sempre me faz rir quando quero chorar.

Agradeço a Verônica, Stéfano, tio Nelson, tia Elenira e todos os amigos que me acolheram tão bem quando eu ainda era uma adolescente perdida em Campinas...

Agradeço a Rachel, Kamilla, Leandro, Kleber, Isabella, Simone, Sabrina, Alan, Marcão e toda a turma "00" diurno. Lembranças que nem o tempo pode apagar...

Agradeço a Carminha, Nana e todos os demais professores que despertaram em mim a paixão pelo ensino.

Agradeço a Valéria, Renata, Flávia, Tatiana, Elaine, Patrícia, Darlene e todas as meninas que conviveram comigo tanto tempo no nosso "grande pensionato". Vou sentir saudade das guloseimas que inventávamos...

Agradeço a Irmã Célia, Irmã Maria Rita, Silvinha e funcionárias das Missionárias de Jesus Crucificado pelo carinho com que me acolheram todos esses anos no pensionato.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, do Arquivo Edgard Leuenroth - Unicamp, da Faculdade de Educação Física – Unicamp, da Faculdade de Educação – Unicamp e da Biblioteca Central, na pessoa do Sr. Paciência que, com muita "paciência", fez um trabalho muito rápido.

Agradeço, enfim, a todas as vidas, mãos e corações que escreveram comigo mais um capítulo da minha história.

“... a história é, como empresa reflectida de análise, novíssima. Esforça-se, finalmente, por penetrar além dos factos de superfície; por rejeitar, após as seduções da lenda ou da retórica, os venenos, hoje mais perigosos, da rotina erudita e do empirismo disfarçado de senso comum.” (Marc Bloch, 1976, p. 19)

RESUMO

Neste trabalho pesquiso o *brincar* em suas diferentes manifestações no Brasil, no Rio de Janeiro do século XIX. Utilizando como principais fontes de pesquisa a *Revista Popular*, periódico editado entre 1859 e 1862, e manuais de civilidade da época, como o *Código do Bom-Tom*, procuro compreender as formas como o brincar surge, como a sociedade o encara e os lugares onde se manifesta. Entre suas diversas formas, destaco algumas manifestações do brincar, como o entrudo, o teatro, as festas religiosas, os jogos de cartas e as reuniões. Descubro que em muitas delas há um brincar que é permitido porque concorda com as normas de conduta vigentes e outro que é proibido porque permeado por excessos e descompassos. Para compreender essa relação entre proibido e permitido tenho como auxílio o tripé formado pela idéia de civilização, pela higiene e pela educação. Esse tripé, que abarca valores importantes da época, proporciona a visibilidade de acordos, conflitos e descaminhos que, uma vez desvendados, podem favorecer a compreensão do brincar hoje e desmistificar algumas de suas funcionalidades.

LISTA DE FIGURAS

Os títulos das imagens foram criados pela autora pois as figuras não são intituladas.

Figura 1: Capa da Revista.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1859, capa.

Figura 2: Pianista.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1859, p.9, Coluna Casas Recomendáveis.

Figura 3: Figurino de Carnaval.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1860, após p. 124.

Figura 4: Passeio ao parque.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1860, após p. 120.

Figura 5: Casas de moda.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1859, p. 9, Coluna Casas Recomendáveis.

Figura 6: Passeio de meninas.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1859, após p. 328.

Figura 7: Damas.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1860, após p. 250.

Figura 8: Mãe e crianças.

Fonte: REVISTA POPULAR, 1859, antes p. 193.

SUMÁRIO

1. Introdução	p. 7
2. O brincar na Revista Popular	p. 26
Entrudo	p. 35
Teatro	p. 41
Festas Religiosas	p. 47
Jogos de cartas	p. 51
Reuniões	p. 55
3. Brincar proibido / Brincar permitido	p. 61
4. Referências	p. 85

INTRODUÇÃO

“Mané Fogueteiro era o deus das crianças
Da vila distante de Três Corações
Em dias de festas fazia rodinhas
Soltava foguetes, soltava balões

Mané Fogueteiro gostava da Rosa
Cabocla mais linda esse mundo não tem
Mas o pior é que o Zé Boticário
Gostava um bocado da Rosa também...”
(João de Barro, 1995)

Os acordes da canção “Mané Fogueteiro” fundem-se em pura harmonia... A melodia triste e o timbre da voz de Maria Bethânia, cantora brasileira, fazem vibrar o coração... Na memória, lembranças e esquecimentos de um ano de pesquisa... Diante de mim vultos, imagens, livros, revistas, personagens e histórias oitocentistas. Descobrir o brincar no século XIX pelas páginas da Revista Popular é a proposta deste estudo.

As formas como ele surge, como a sociedade o encara e os lugares onde se manifesta voltam à minha mente cada vez em que se fala em vilas, festas, foguetes, rodas, balões e relações amorosas. O brincar mistura-se, confunde-se e entremeia-se a diferentes manifestações e em lugares diversos, como:

No estruído das vilas, das províncias e da corte...

O carnaval do ano de 1862 passou como os anteriores no meio de folguedos, que nem a chuva pode interromper, e que não foram perturbados por um único desaguisado*, pela mais pequena desordem. Não admira isso: o povo fluminense tem o bom gosto de não brigar quando brinca, e jurou desde muito aos seus penates** não chorar nem fazer chorar, quando é ocasião de rir.¹

* Fora de razão.

** Compatriotas.

¹ Revista Popular, n. 13, 01 janeiro – 16 março de 1862, p. 378. Nas transcrições de fontes impressas, a grafia foi atualizada com o objetivo de facilitar a leitura. Sempre que possível, a pontuação foi respeitada. Os conteúdos colocados em caixas pontilhadas são citações da Revista Popular.

Nas brincadeiras com fogo...

E tempo de dar fim a este bárbaro e incomodo divertimento; quem está entregue a loucura de brincar com fogo, não se lembra dos que gemem em um leito de dor...²

Nas diferentes formas de dançar...

No Clube as senhoras folgaram de duas maneiras diametralmente opostas; as que dançaram todas as quadrilhas e valsas, tiveram o duplo prazer de envolver-se no turbilhão inventado por Strauss e de percorrer em seguida os salões...³

Nas festas religiosas...

O Largo do Paço torna-se impraticável na noite da procissão do enterro; o povo aglomera-se no seu recinto, forma uma massa compacta, e abre o dique a torrente das mais asquerosas conversações.

[...]

Custa a acreditar, que no nosso século se queira dar a semelhantes farças uma forma religiosa; é indigno, que as imagens da Santa Virgem e do Senhor Morto sejam separadas por uma tão ridícula mascarada!⁴

Nos passeios ao campo...

... podia divertir-se muito, correndo parte do dia atrás de um coelho, rasgando a roupa e a pele nos espinhos da mata, ou escalavrando os pés nos calhaus dos caminhos; podia recrear-se bastante...⁵

Nos jogos de cartas...

² Revista Popular, n. 3, 01 julho – 20 setembro de 1859, p. 61-62.

³ Revista Popular, n. 11, 26 junho – 10 setembro de 1861, p. 251.

⁴ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 123-124.

⁵ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 185.

Que de noites agradáveis têm sido passadas com o auxílio das cartas! Que de lances engraçados, risadas gostosas, logros divertidos, desapontamentos cômicos!...⁶

Nas brincadeiras populares...

O forte do Castelo, onde o Sr. Coronel Gabizo mandou construir um viveiro de beijos de frade e de manjerição da Índia, acha-se colocado tão alto... Quem tem a coragem de subir uma montanha íngreme...?

Eu declaro que não tenho valor para tanto, e salva a exceção de alguns rapazolas que se ocupam em empinar papagaios, creio que sou acompanhado pela maior parte da população.⁷

Nos teatros...

... o povo diverte-se a seu modo com o teatro italiano e enquanto lhe é permitido este gozo, não se distrai com objetos, que lhe possam ser prejudiciais...⁸

Nas escolas...

É absolutamente preciso que se trabalhe durante as horas destinadas para o estudo: porém nós excitamos nos nossos meninos e os impelimos para os folguedos, quando estão em recreio, e até mesmo brincamos com eles.⁹

E nas brincadeiras infantis.

Uma mísera criancinha assistia sorrindo a entrada do novo ano, folgava talvez com essa

⁶ Revista Popular, n. 8, 26 setembro – 10 dezembro de 1860, p. 39.

⁷ Revista Popular, n. 9, 26 dezembro – 10 março de 1860-61, p. 186.

⁸ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 389.

⁹ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p.1.

chuva que alagava as ruas, onde boiavam lindos barquinhos de papel. De repente sente-se um violento abalo, cai uma parede, e ao estrondo do edifício que desaba, mistura-se um grito, um só, um grito terrível!...¹⁰

O brincar manifesta-se de muitas outras formas e em muitos outros lugares, os quais não pude alcançar... Mas é exatamente nesses *encontros e desencontros* da história que o passado emerge de outra maneira. Mudam-se os ângulos, trocam-se as lentes do observador... É preciso paciência para não perder o despercebido, o não dito, o subscrito. É preciso atenção aos silêncios, às pausas respiratórias em meio a tantas vozes, ao grito que não é ouvido. É preciso ver além da primeira onda, ampliar a perspectiva e esperar pelo que ainda vem...

Prestar atenção em um aspecto faz com que este salte para o primeiro plano, invadindo o quadro, como em certos desenhos diante dos quais basta fecharmos os olhos e ao reabri-los a perspectiva já mudou. Além do mais, nesse entrecruzar-se de cristas diversamente orientadas o desenho de conjunto se torna fragmentado em espaços quadrados que afloram e se desvanecem. Acresce que o refluxo de cada onda também possui uma força que se opõe às ondas supervenientes. E se concentrarmos a atenção nesses impulsos retroativos vai nos parecer que o verdadeiro movimento é aquele que parte da praia em direção ao largo.¹¹

Talvez seja preciso, em outras oportunidades, fechar e reabrir os olhos para enxergar com mais amplitude; provar, degustar mais de uma vez um mesmo sabor tentando encontrar um amargo que não estava ali; sentir um mesmo perfume em diferentes pessoas e experimentar diversas sensações; ouvir uma mesma canção com outra melodia; tatear no escuro um objeto já conhecido e descobrir que novidades ele traz. Enfim, pesquisar o brincar no século XIX por fontes que não apenas os livros de história ou outros documentos que tematizam, principalmente, a criança, talvez seja uma experiência nova com um “sujeito” já conhecido, embora pouco. Uma ação que pode ampliar as dimensões do brincar oitocentista e, também, contribuir com as diversas compreensões que existem sobre o brincar hoje, transformando conhecimento e prática à respeito do mesmo, pois, segundo Marc Bloch, “... a ignorância do passado não se limita a prejudicar o conhecimento do presente; compromete, no presente, a própria ação.”¹²

¹⁰ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 58.

¹¹ Calvino, 2000, p. 10.

¹² Bloch, 1976, p. 40.

Aliás, considerado como uma atividade própria da criança, o brincar contemporâneo parece carregar diferentes funções sociais, como a necessidade de ser sempre útil, de desenvolver a criança e de facilitar o aprendizado, seja na escola, na rua, no parque, etc. Estas compreensões são apresentadas, por exemplo, em propostas pedagógicas ou de lazer.¹³ Não estaria o entendimento sobre o brincar comprometido pelo pouco conhecimento histórico que se tem de suas funções? Creio, portanto, que estudar o brincar no século XIX pode, quem sabe, auxiliar a desnaturalizar sua infantilização e desmistificar algumas de suas funcionalidades, entre outras possibilidades.

Estas descobertas ou possibilidades trazem à tona alguns questionamentos sobre o assunto, como: será que a naturalidade com que se aceita a brincadeira como inata à criança é fruto de uma construção histórica? Se até o século XVII adultos e crianças tinham maneiras parecidas de se divertir, quais transformações sócio-históricas ocorreram para que hoje o conceito de brincar esteja particularmente ligado à infância? Como as relações sociais influenciaram mudanças? Será que o adulto deixou de brincar? Quando a criança passou a ser a protagonista dessa história? São muitas questões para se considerar em apenas um ano de estudo, mas espero que este trabalho percorra algumas dessas perguntas e incite novos pesquisadores a continuarem olhando a praia, como diz Calvino. Para tratar algumas dessas indagações, tenho a Revista Popular como principal fonte desta pesquisa.

Seria grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, especializado nessa função. Pelo contrário, quanto mais a investigação procura alcançar os factos profundos, menos lhe é permitido esperar outra luz que não seja a dos raios convergentes de testemunhos diversíssimos na sua natureza.¹⁴

A Revista Popular é editada trimestralmente pela editora Garnier, no Rio de Janeiro, entre janeiro de 1859 e dezembro de 1862. Ela apresenta o formato de um livro da época: muitas páginas, poucas figuras e textos longos.¹⁵ Nesta pesquisa, faço a leitura dos volumes um ao dezesseis que se encontram em oito rolos de microfilme positivo, na Biblioteca

¹³ Sobre as funcionalidades do brincar ver Faria, 2002 e Silva, 1998.

¹⁴ Bloch, 1976, p. 62.

¹⁵ Ver "A Revista no Brasil", 2000, publicação de aniversário da Editora Abril que traz a história da revista no país.

Nacional do Rio de Janeiro.¹⁶ Em 1862, a Revista Popular muda de nome e de formato e passa a chamar-se Jornal das Famílias. As poucas páginas que ficam trazem colunas sobre moda, modelos de corte e costura e pequenos contos. No novo formato, de aproximadamente trinta páginas, a Revista passa a ser editada mensalmente até dezembro de 1878 e parece ser direcionada para o público feminino.

Embora eu tenha iniciado a pesquisa com a intenção de ler a Revista Popular e o Jornal das Famílias, li somente a primeira porque não havia tempo suficiente para ler todo o extenso material que tinha em mãos, visto que a pesquisa monográfica tem duração de um ano apenas. No entanto, apesar da falta de tempo, creio que um posterior estudo do Jornal das Famílias será muito valioso, pois ele aborda, principalmente, a mulher, personagem importante no século XIX por receber a incumbência de “educar” aquelas que virão a ser o futuro da nação: as crianças; e de maneira especial, os meninos.

A Revista Popular é dirigida para todas as famílias que constituem a sociedade brasileira do século XIX, ao menos é o que contam os redatores em seu primeiro exemplar:

Não só o passado e o presente, mas também nos ocupará o futuro. Não o futuro do charlatão, que pretende lê-lo nas estrelas, ou num baralho de cartas, mas o futuro do homem refletido e previdente, que com os três termos dados, o passado, o presente e a própria razão, descobre a incógnita.
Escrevemos de tudo e para todos.¹⁷

Apesar da expressão “para todos” aparecer, fica evidente neste fragmento e em outras passagens que a Revista Popular é editada para um público que não pode e não deve viver guiado pelas credices do povo, nem pela mistura de costumes. Ela destina-se a um público que “descobre a incógnita” pela “razão”. Razão esta que mobiliza a sociedade brasileira do século XIX em busca de um saber científico que a aproxime do progresso e distancie das tradições e crenças populares.¹⁸ Ela serve ao homem letrado que encontra na

¹⁶ Este material encontra-se disponível para consulta também no Arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas. Na época em que realizei a pesquisa o arquivo estava em greve, por isso a pesquisa foi realizada na Biblioteca Nacional.

¹⁷ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p.2

¹⁸ Figueiredo, 2002.

ciência seu respaldo para o futuro. Ela não se destina ao charlatão que, por não possuir formação acadêmica, é considerado pouco sério; nem ao negro, nem ao índio, nem ao pobre analfabeto e nem aos marginalizados, mas àqueles que se interessam pelo “progresso do mundo”, para quem um “ensino simples já é insatisfatório” e a “necessidade de saber um pouco sobre todos os assuntos” urja dentro de si.¹⁹

A propósito, pelo preço que é vendida, a Revista Popular não deve chegar facilmente às mãos dos pobres e marginalizados. Na corte e demais províncias, sua assinatura mensal custa dois mil réis. Um valor absurdo se comparado ao salário, por exemplo, que os índios recebem no princípio do século: mil e duzentos réis mensais.²⁰ Este fato, dentre outros, deixa transparecer para quem ela é destinada: à elite brasileira.

É importante destacar que com a vinda da família real de Portugal para o Brasil, em 1808, novas necessidades e cargos burocráticos precisam ser supridos. Em função disto, ocorre um forte movimento migratório do interior e exterior do país para a corte carioca. As pessoas vêm em busca de emprego, novas oportunidades, prestígio, família, etc. Esse fator colabora para o aumento na demanda de moradia, serviços e produtos diversos, provocando um grande crescimento populacional.²¹

Esta nova corte, populosa e ansiosa em refletir a imagem da Europa, é notícia e leitora da Revista Popular. É importante ressaltar que o termo “corte” engloba diversos grupos pertencentes à elite carioca. Em diferentes passagens da Revista é possível encontrar o Imperador e a Imperatriz participando de alguns bailes e festas religiosas juntamente com a classe abastada, mas que não faz parte da nobreza. Nas reuniões, jogos, etc., aparecem pessoas endinheiradas na categoria de membros da corte. Portanto, fica entendido que, neste presente trabalho, corte e elite cariocas são sinônimos.

É para esta corte que a Revista Popular existe, e suprir a necessidade de recreio e instrução da mesma é seu objetivo. Assim conta o cronista ao se alegrar com a chegada do inverno e com a volta da corte aos salões fluminenses.

Se não me alentasse a lembrança de que com muita brevidade o Clube Fluminense abrirá

¹⁹ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 1-3.

²⁰ Sobre o trabalho de índios, negros e brancos no princípio do século XIX, consultar Silva, 2003.

²¹ Alencastro, 1999.

as suas portas, e reunirá nos salões de novo decorados, a flor da sociedade do Rio de Janeiro, nenhuma esperança teria de poder passar algumas horas na companhia do sustentáculo do primeiro jornal publicado no Brasil com o duplo fim de recrear e instruir...²²

O “sustentáculo do jornal”, ou seja, a elite brasileira, precisa recrear-se e instruir-se. A instrução refere-se à educação intelectual, ao ensino. O recreio surge fundamentalmente como um tempo de descanso deste trabalho intelectual, no qual o brincar pode estar presente. Esta ligação entre instrução e recreio é própria de um século que reverencia a ciência, de um século no qual a razão vem em primeiro lugar e o conhecimento popular e empírico em segundo, sendo, algumas vezes, muleta para as atividades intelectuais. É este o caso do brincar, pois muitas vezes tem a função de compensar os esforços racionais. Esta idéia é sensível no trecho em que se propõe a utilidade da Revista Popular como recreadora e instrutora da sociedade.

... o espírito também precisa de repousar, sem suspender inteiramente suas funções. Há momentos para pensar e meditar, e momentos para rir. A uniformidade mata, nem o arco pode estar sempre teso. Deus variou a criação até ao infinito, e fez que a variedade nos deleitasse. Nem sempre seremos, pois, sérios, procuraremos também contribuir para o recreio dos nossos leitores. Mas recreando pode-se instruir disfarçadamente, não nos esqueceremos disso. O recreio, que se busca nos livros, deve ser uma instrução amena.²³

A vinda da corte para o Brasil trouxe também a necessidade de deixar para trás velhos costumes e acolher novos padrões de conduta que dêem ao país um “ar” mais europeizado. As revistas tentam suprir esta necessidade, pois podem ser percebidas como verdadeiros manuais de civilidade já que trazem em seus contos, crônicas e artigos, comportamentos e normas de conduta “aspirados”, “necessários” e esperados no século XIX. Ana Maria Mauad, escrevendo sobre as revistas durante o Império comenta: “Tais publicações, ao mesmo tempo que informavam, conformavam certos tipos de

²² Revista Popular, n. 7, 26 junho – 10 setembro de 1860, p. 121-122.

²³ Revista Popular n. 1, 04 de janeiro a 15 de março de 1859, p. 3.

comportamento, os quais, criados na corte com base em referências estrangeiras, eram propagados pelas províncias como modelos a ser seguidos ou como normas de conduta.”²⁴

Tentando cumprir a função de civilizar, de ditar regras de comportamento, a Revista Popular propõe, conforme seu subtítulo, ser *noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, musical, anedótica, etc.*

É preciso ser *noticiosa* para divulgar às províncias e ao mundo como a corte fluminense vive. A divulgação do cotidiano do Rio de Janeiro, então capital do Império e vitrine do país, segundo Alencastro, pode facilitar a propagação de uma imagem civilizada do Brasil, pois “efetivamente, no regime monárquico forjou-se no Rio de Janeiro – capital política, econômica e cultural do país – um padrão de comportamento que molda o país pelo século XIX afora e o século XX adentro.”²⁵

Este padrão de comportamento é ditado, muitas vezes, por manuais de civilidade, outra importante fonte desta pesquisa que será explorada mais adiante, e que interfere também nos modos de brincar. Baseada nas orientações destes guias, a sociedade oitocentista começa a vislumbrar um brincar proibido, por não estar de acordo com os padrões então estabelecidos, e um brincar permitido, por não ferir a conduta civilizada, em que as boas maneiras, a polidez, etc. prevalecem em lugar dos excessos e descontroles.

É preciso ser *científica*, pois o século XIX tem como motor a ciência. As idéias iluministas abrem portas para um novo saber, mais voltado para a razão. A primeira revolução industrial na Europa, em fins do século XVIII, impulsiona os estudos científicos. O conhecimento agora precisa ser referendado pela ciência e, principalmente, pelo saber médico.

É preciso ser *industrial*, pois com o investimento em estudos científicos, novos potenciais energéticos são desenvolvidos e aliados aos processos produtivos das fábricas. Vê-se então, na Europa, uma explosão industrial que influencia diversos aspectos da sociedade, entre eles, a qualidade de vida das pessoas.²⁶ Essas transformações também atingem o Brasil, e o encantamento da corte pelas descobertas de “além mar” é tão grande que o próprio Imperador organiza “Feiras Industriais” para expor tecnologias que chegam ao país.

²⁴ Mauad, 1999, p. 209.

²⁵ Alencastro, 1999, p. 23.

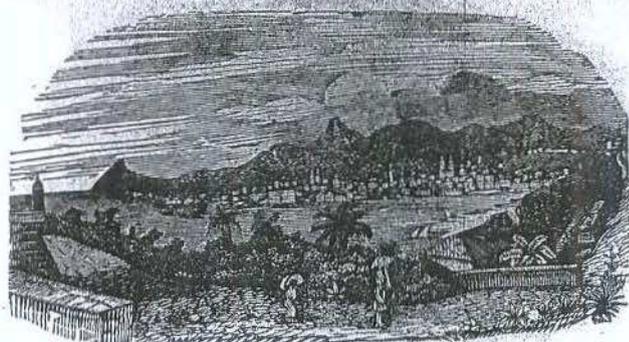
²⁶ Sevcenko, 1999.

REVISTA POPULAR

NOTICIOSA, SCIENTIFICA, INDUSTRIAL, HISTORICA, LITTERARIA,
ARTISTICA, BIOGRAPHICA, ANECDOTICA, MUSICAL,
ETC., ETC.

JORNAL ILLUSTRADO

ANNO 1.º — TOMO 2.º



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR-PROPRIETARIO

69, rua do Ouvidor, 69

Fig. 1: Capa da Revista

Estamos em vésperas de ver aberta a primeira exposição industrial na capital do Império. Foram recebidos mais de cinco mil produtos, e tomando para o cálculo apenas cinco mil, e dando-se apenas um minuto para o exame de cada produto, segue-se que um observador consciencioso tem de empregar mais de oitenta e três horas em examina-los todos.²⁷

Será que esta ascensão do cientificismo interfere tanto na relação da sociedade com o brincar quanto nos tipos de brincadeira? Será que alguns brinquedos manuais são substituídos por invenções tecnológicas? Será que algumas brincadeiras passam a ser proibidas ou estimuladas em nome da saúde? Como o movimento científico atinge o brincar do século XIX? Estas e outras perguntas são relevantes na escolha dos caminhos que trilho neste estudo, pois tocam pontos importantes para a sociedade oitocentista como a higiene, por exemplo.

É preciso ser *histórica*, pois ao registrar momentos do cotidiano das pessoas mostra os caminhos percorridos: progresso, civilização e mudança nos comportamentos. É graças à sua historicidade que hoje posso conhecer um pouco do brincar no século XIX. É por seus registros que o homem contemporâneo lê, com os olhos do presente, o passado, pois, segundo Marc Bloch,

Em boa verdade, conscientemente ou não, é sempre às nossas experiências quotidianas que, em última análise, vamos buscar, dando-lhes, onde for necessário, os matizes de novas tintas, os elementos que nos servem para a reconstituição do passado: as próprias palavras de que nos servimos para caracterizar os estados de alma desaparecidos, as formas sociais estioladas, que sentido teriam para nós se não tivéssemos visto primeiro viver os homens?²⁸

É preciso ser também *literária*, *artística* e *musical*, pois a literatura, a arte e a música são atividades privilegiadas pela corte nesse período. Os diversos anúncios de pianistas para tocar em saraus, de casas de música e de livros lançados na corte, além das críticas teatrais que acompanham as crônicas, evidenciam a intensidade com que tais atividades acontecem.

É preciso ser *anedótica*. As anedotas também são um passatempo muito bem vindo, uma forma de recrear. Ao narrar sua experiência traumática em esperar por horas a fio um

²⁷ Revista Popular, n. 12, 26 setembro – 15 dezembro de 1861, p. 317.

²⁸ Bloch, 1976, p. 43.

trem que não chega, o cronista revela o caráter recreativo que a anedota possui no século XIX.



Fig. 2: Pianista

Era detestável a minha situação, e sem duvida a dos meus sócios no infortúnio; felizmente apareceu em nosso auxílio um narrador de historias, e ouvindo-nos lamentar o castigo que nos infligiam sem o merecermos, teve a bondade de distrair-nos com a seguinte anedota...²⁹

No entanto, a recreação precisa “instruir disfarçadamente”, por isso muitas anedotas, apesar de fazerem rir, trazem em seu conteúdo mensagens moralistas. Ou seja, a Revista recreia, mas ao mesmo tempo contribui com a educação não só moral, mas também intelectual e física.

Uma observação importante é que José Inácio Roquette (1997) em seu manual de civilidade e bem viver, *Código do Bom-Tom...*, alerta que para evitar situações enfadonhas deve-se omitir os nomes das pessoas envolvidas ao se contar uma anedota ou história verídica, evitando-se, assim, inimizades. Talvez por isso os autores de artigos da Revista Popular ao contarem uma história, mesmo que esta não denigra a imagem da protagonista, não citam os nomes das pessoas. Coloca-se apenas as iniciais e reticências. Este fato indica o quanto o periódico acorda com os padrões de conduta da civilização, além de divulgá-los. Também em outro manual muito conhecido na época, o de Napoleon Raison Horace, intitulado *Código da Conversação*, as piadas e anedotas devem receber atenção especial daquele que deseja ser mestre na arte de falar em público.³⁰

Por fim, é preciso ser *biográfica* para que as pessoas que tenham uma vida heróica sejam vistas com respeito e seu exemplo admirado e seguido. Em uma sociedade que prima pelo “civilizado”, ter exemplos como os de Chateaubriant, Dom Pedro V, entre outros, é de extrema relevância.

Além de seu subtítulo, as colunas da Revista Popular também mostram características da sociedade oitocentista. Entre as colunas estão: Agricultura, Instrução e Educação, Política, Higiene, Geografia, Poesia, Romances, Música, Pintura, Variedades, etc. Algumas colunas são endereçadas, principalmente, às mulheres, como: Crônicas, Moda, Economia Doméstica e Trabalhos Manuais, conforme dizem seus redatores. São

²⁹ Revista Popular, n. 10, 26 março – 10 junho de 1861, p. 60.

³⁰ Schwarcz, 1997.

estas, juntamente com Poesia, Música e Pintura, as colunas que devem oferecer recreação ao leitor. E é exatamente esta característica que me leva a lê-las com maior atenção.

Entre elas destaco a coluna das *Crônicas* não só por ser direcionada ao recreio das "leitoras", mas também por trazer elementos da vida cotidiana da corte, como as notícias dos bailes e reuniões e a última moda que chega nos paquetes vindos do exterior. Enfim, as crônicas tratam a dinâmica social na qual o brincar pode estar inserido. Ana Maria Mauad comenta que "As crônicas dos jornais e das revistas faziam revisões semanais ou quinzenais de bailes e episódios recém-acontecidos, davam conselhos sobre o dia-a-dia, e tinham nas mulheres seu público-alvo."³¹ Na Revista Popular não é diferente: a *Crônica da Quinzena*, como o próprio nome diz, relata quinzenalmente os fatos decorridos, mas só é editada a cada três meses.

A crônica é hoje uma necessidade a que não pode furtar-se a nenhuma publicação literária e, ainda menos, aquela que dirige a todas as classes, a todos os gostos, [...], que será procurada [...] por todos que, depois de satisfeitas as exigências da matéria, sentem ainda uma nova necessidade, tão forte, tão justa, tão natural como aquelas – a da ilustração ou de recreio para o espírito.

[...]

Falaremos de teatro, de música, de modas, de literatura; repetiremos a conversa dos salões, a anedota colhida entre duas mesuras dos *Lanceiros*, a novidade surpreendida nos bastidores, [...], o acontecimento do dia, o baile da noite, o segredo murmurado ao ouvido, o boato que corre pelas ruas, a noticia curiosa que nos manda a Europa; aplaudiremos toda a conquista da civilização e da liberdade, [...] percorreremos incansáveis este infinito domínio, que se estende do salão à rua, da natureza à sociedade, do céu à terra, do coração aos lábios, da verdade ao absurdo, do costume à moda, do sublime ao ridículo, da luz às trevas, para darmos aos leitores um ligeiro esboço das necessidades, das aspirações, dos sentimentos, das idéias, dos usos, da vida do Rio de Janeiro...³²

³¹ Mauad, 1999, p. 208.

³² Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 56-57.

Neste universo de assuntos que, não só na escrita do próprio cronista, se relacionam, entrecruzam-se, creio que o brincar esteja presente. Se o salão e a rua são abordados, o brincar deve estar em alguns destes lugares ou em ambos em suas diversas formas. Se são os usos e a vida do Rio de Janeiro que estão em debate, o brincar dessa sociedade deve aparecer, mais cedo ou mais tarde. Se o boato que corre é o assunto, não pode o brincar estar aí presente? Se as conquistas da civilização são destaque, o brincar será uma atividade aplaudida?

A crônica é, portanto, um espaço de visibilidade de comportamentos e opiniões que tenta estar de acordo com os limites importantes para a época, mas que, vez em quando, os transgride. Andrea Moreno, ao utilizar as crônicas como importante fonte de pesquisa, afirma:

Quanto às crônicas, por que escolhê-las se é sabido que são consideradas um gênero menor? Justamente por isso. [...] A crônica, por ser despreziosa, nos fala de coisas pequenas, coisas do cotidiano, coisas que “aparentemente” não tem importância. [...] por tudo isso ela consegue captar a sensibilidade de todo dia. Humaniza o cotidiano, tira o pensamento da retidão, redimensiona coisas e pessoas. Sobretudo, mostra a grandeza, quem sabe a beleza, dos pequenos acontecimentos. Não tem a pretensão de durar, é transitória e se sabe assim. Se sabe diversão, embora muitas vezes informe. Leve e descompromissada, irônica, poética...³³

Além das *Crônicas*, outras colunas fornecem informações relevantes sobre o brincar, pois discutem temas caros à época, como a higiene, a instrução e a educação, assuntos que serão abordados posteriormente.

Quero lembrar ainda que as colunas voltadas para o recreio recebem valor inferior se comparadas às demais, no entanto, ocupam um espaço considerável do periódico, o que faz pensar que nem sempre aquilo que é referendado pela ciência como importante realmente ocupe este lugar na sociedade. Betânia G. Figueiredo, ao falar sobre as práticas médicas no Brasil do século XIX, confirma essa possibilidade: “... não é possível trabalhar com a concepção de dois mundos, dois espaços antagônicos e divergentes localizados na chamada cultura popular e na cultura erudita. [...] Há divergências e antagonismos, mas encontramos também aproximações e similaridades.”³⁴

³³ Moreno, 2001, p. 220.

³⁴ Figueiredo, 2002, p. 20.

São nesses encontros conflitivos, nesses pontos de tensão e nessas veredas, muitas vezes escondidas por uma corte que almeja o progresso, que procuro o brincar oitocentista. Mas conflitos e tensões existem porque não acordam com algo que é imposto... As veredas são escondidas porque revelam algo que não deve ser mostrado. Afinal, o que precisa ficar no anonimato e o que precisa emergir? Quais são as imposições geradoras de conflitos? Foi diante de tais questões que escolhi minha segunda importante fonte de pesquisa: os manuais de civilidade!

Na busca da nação por se civilizar, os manuais de civilidade são recebidos no Brasil com grande alegria, pois espelham a sociedade européia e seus costumes. Segundo Lilia Moritz Schwarcz (1997), esses guias são transformados em verdadeiras bíblias de bem-viver e, como observei, são citados diversas vezes nas páginas da Revista Popular como bons modelos a serem seguidos. Cito algumas destas passagens:

Ouvimos diariamente dizerem os pais de família: queremos dar aos nossos filhos boa educação, e para isso nos apressamos em manda-los ao colégio. E os que assim se exprimem, não ignoram a rigorosa acepção dos dois vocábulos [educação e ilustração], e muitos deles seriam capazes de fazer preleções filológicas, dignas de Frei Francisco de S. Luis e de Roquette...³⁵

Esquece as opiniões miguelistas de Sacra Família e Roquette, para nomear ao primeiro bispo de Coimbra, e ao segundo cônego da patriarcal.³⁶

O governo imperial, sempre solícito pela instrução pública, adotara para uso do colégio de Pedro II, estabelecimento normal do ensino secundário, o *Manuel du Baccalaureat* na carência de outro melhor compêndio.³⁷

Frei Francisco de S. Luis, Roquette e Sacra Família são autores de manuais que circulam no país no século XIX. O fato do Manual de Baccalaureat ser usado no colégio Pedro II, instituição que tem como objetivo oferecer aos filhos da elite imperial uma

³⁵ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 330.

³⁶ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p.45.

³⁷ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 50.

formação abrangente e distintiva,³⁸ reforça também a idéia de que estes manuais estão no auge no Brasil oitocentista.

Em meio a tantos guias que vêm ditar as normas de comportamento para a sociedade brasileira, escolho, especialmente, para nortear minha pesquisa o *Código do Bom-Tom ou Regras de civilidade e bem viver no século XIX*, escrito por José Inácio Roquette³⁹ e editado pela primeira vez em Portugal em 1845. A publicação que leio é de 1870 e traz as mudanças posteriores a 1850, conforme informa sua organizadora, Lília M. Schwarcz.

A estrutura do livro recupera o modelo dos demais manuais de civilidade. Com indicações minuciosas, o guia procura regulamentar e cercear os impulsos nos mais diferentes lugares: na igreja, nos batizados e casamentos, nas festas e enterros, nos paços ou entre amigos, no dia-a-dia ou nas viagens. O suposto é que há uma etiqueta para cada local.⁴⁰

Em todos esses lugares, nas mais diversas formas, o brincar está presente, seja ele civilizado, portanto, permitido; seja em seus excessos e por isso proibido. Mas será que essas duas faces do brincar confundem-se seja entre os membros da corte ou no meio do povo, seja em lugares distintos ou dividindo o mesmo espaço? É possível que sim pois, apesar dos manuais de civilidade aprovarem algumas formas de brincar, este é fruto da cultura brasileira formada por africanos, crioulos, índios, brancos, etc., e como tal, não consegue se desvincular dos hábitos sociais de forma tão brusca. Como escreve Norbert Elias,

Nos diversos países formam-se sociedades pacificadas. O velho código de comportamento é transformado, mas apenas de maneira muito gradual. O controle social, no entanto, torna-se mais imperativo. E, acima de tudo, lentamente muda a natureza e o mecanismo do controle das emoções. Na Idade Média, o padrão de boas e más maneiras, a despeito de todas as disparidades regionais e sociais, evidentemente não mudou de qualquer forma decisiva. Repetidamente, ao longo dos séculos, as boas e más maneiras são mencionadas. O código social não conseguiu consolidar hábitos duradouros numa quantidade limitada de pessoas. Nesse momento, com a transformação estrutural da sociedade, com o novo modelo de relações humanas, ocorre, devagar, uma mudança: aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento. Em conjunto com isto, é posto em movimento o modelo de comportamento.⁴¹

³⁸ Cunha Junior, 2003.

³⁹ Escolhi citar José Inácio Roquette pelo seu último nome.

⁴⁰ Schwarcz, 1997, p. 22.

⁴¹ Elias, 1994, p. 93.

Nesta perspectiva, o brincar passa a ser auto-regulado. Mas será que esta auto-regulação sempre alcança sucesso? Será que existem momentos nos quais os hábitos falam mais alto que a razão? Nesta luta entre civilização e selvageria, entre antigo e moderno, entre atraso e progresso, o brincar burla regras, pula muros, esconde-se em tabernas e mascara-se nas festas, mas também torna-se cada vez mais refinado para ser aceito socialmente.

Diferente de Mané Fogueteiro, protagonista da canção de João de Barro, que apesar de morrer, conserva nos olhos a imagem do amor, o brincar transforma-se, mas também conserva formas e lugares. São nessas mudanças e permanências que pretendo encontrar o brincar oitocentista...

“... Um dia encontraram Mané Fogueteiro
De olhos vidrados, de braços no chão
Um tiro certo varara-lhe o peito
De volta da festa do Juca Romão

E como os que morrem de tiro conservam
A última cena nos olhos sem luz
Num claro foguete de lágrimas frias
Alguém viu brilhar
Seus olhos azuis...
(João de Barro, 1995)”

O BRINCAR NA REVISTA POPULAR

O brincar no século XIX aparece como sinônimo de diversos verbos e substantivos como folgar, divertir, recrear, recreio, folguedo, diversão, etc. Brincar é o mesmo que folgar, gracejar, saltar alegremente, agitar-se em caprichos. Por sua vez, folgar significa brincar, divertir-se, regozijar-se, recrear, ter prazer. Recrear é o mesmo que alegrar, divertir, sentir prazer, folgar, brincar, aliviar do enfado e do trabalho. Já gracejar expressa o ato de não falar sério. Divertir é o mesmo que recrear, distrair, entreter.¹ É um não aborrecer-se, um não enfadar-se. Um divertir-se, alegrar-se, uma excursão para um outro universo muitas vezes desconhecido.²

Nesta teia de significados o brincar, então protagonista, não é uma ação que se restringe a sexo, faixa etária, nível social, etc., mas abrange a sociedade de forma geral.

Pensando em todos esses sinônimos e antônimos, o brincar aparece sob muitas formas e em muitos lugares no Rio de Janeiro oitocentista.

É no Rio de Janeiro que se desenrola o “paradoxo fundador” da história nacional brasileira: transferida de Portugal, sede de um governo parlamentar razoavelmente bem organizado para os parâmetros da época, capital de um império que pretendia representar a continuidade das monarquias e da cultura européia na América dominada pelas repúblicas, a corte do Rio de Janeiro apresentava-se como o pólo civilizador da nação.³

Algumas formas e lugares nos quais o brincar aparece no Rio de Janeiro ligam-no diretamente à idéia de civilização, aos padrões de comportamento europeus e às regras divulgadas nos manuais de civilidade. Este brincar que se pretende civilizado é extremamente incentivado porque eleva a imagem do Brasil ao patamar de um país em progresso. Por isso é comum encontrar nas Crônicas, Poesias, Romances, etc., elogios às diferentes manifestações do brincar “permitido” pelas normas de conduta, como, por exemplo, as reuniões campestres. Por outro lado, estas reuniões, bem como a música, a dança, o jogo e a conversação aparecem como atividades bem vindas no manual escrito por Roquette. No seu capítulo *A Estada no Campo*, algumas brincadeiras devem ser evitadas e um comportamento moderado é o que se espera de uma pessoa bem educada.

¹ Ver o Dicionário Luso-Brasileiro, editado na cidade do Porto em princípios do século XX, e o Dicionário de Língua Portuguesa, editado em Lisboa em 1813.

² O Dicionário Luso-Brasileiro conceitua a palavra diversão, sinônimo de brincadeira, como “digressão, excursão, viagem, desvio de um assunto para outro que lhe é estranho”.

³ Alencastro, 1999, p.10.

“Estai prevenidos contra certa alegria inconsiderada que no campo se apodera dos mancebos*, que muitas vezes os arrasta a divertimentos perigosos e turbulentos.[...] Todas estas coisas podem divertir se a prudência e discrição as dirige, aliás trazem consigo dissabores, contendas, quebra de alfaías, e desordens de toda sorte, prejudiciais a nós e aos outros, e insuportáveis aos donos da casa, cujas fisionomias fareis bem de observar, para saberdes quando excedeis os limites do brinquedo, e vos absterdes imediatamente.”⁴

Nas reuniões campestres, bailes, saraus, festas, etc, o brincar está no jogo, na conversa que pode se estender noite adentro, na leitura de romances, nas danças que podem propiciar a conquista de um bom par, etc. São atividades que deleitam, levam ao riso, possibilitam o prazer e recreiam, como demonstra o cronista, excitado pelo início do inverno que traz consigo o retorno da corte para o Rio de Janeiro. Durante o verão, é importante esclarecer, a corte refugia-se em Petrópolis devido a salubridade do clima montanhoso, conforme a orientação dos médicos da época e os princípios da higiene. No retorno da corte para a capital do Império, os salões novamente se enchem de brilho...

Salve, pois, formosa quadra dos folguedos! À tua aproximação a mocidade desperta do letargo em que vivia mergulhada, abandona os arrabaldes açoitados pelas nuvens de poeira, e recolhe-se aos iluminados salões, que a convidam a dança, ao prazer, à alegria! Salve, para nós prazenteiro inverno! As tuas brilhantes noites, livres da geada e dos flocos de neve, que tão abundantemente derramaste sobre a velha Europa, vão ser passadas no bulício da valsa, correrão gratas no meio de inocentes intrigas, e completarão mais de um desejo comprimido e abafado no íntimo de dois corações, que lânguidos vegetavam aos ardores do verão!⁵

Além do deleite, riso e prazer, é possível encontrar outras funções do brincar nesta sociedade: como meio de passar o tempo livre, de compensar o trabalho, de desenvolver a criança, de facilitar o aprendizado, de instruir disfarçadamente, de descansar, de ocupar o tempo com coisas úteis, de sair da rotina e de socializar. Dentre essas funções destaco algumas:

* Moço, jovem.

⁴ Roquette, 1997, p.302-303.

⁵ Revista Popular, n. 10, 26 março – 10 junho de 1861, p. 250.

O brincar pode ser visto como passatempo ou como forma de matar o tempo livre, como na ocasião em que o cronista relata uma nova brincadeira proposta por um amigo seu com a finalidade de passar o tempo que parecia aborrecer os que estavam naquela reunião.

Por fortuna pediu à palavra um amigo meu, e propôs que não se fizesse questão de escolha entre charadas e enigmas, adivinhações e logogrifos*; podia-se evitar toda e qualquer susceptibilidade adotando-se um outro gênero de recreio e, deste modo, quando não se conseguisse preencher a lacuna que existia nas salas do Clube, talvez se alcançasse matar o tempo que já aborrecia de morte.⁶

Essa necessidade de preencher o tempo livre acorda com um século que menospreza a ociosidade e valoriza a produtividade. Passar o tempo comprometido com alguma prática é importante para a sociedade oitocentista. Entretanto, é imprescindível que tais atividades estejam dentro dos padrões de comportamento estabelecidos, pois assim estão, simultaneamente, evitando o aborrecimento e instruindo os indivíduos.

A proposta de ocupar o tempo ocioso já é encontrada nos manuais desde o período da Colônia. Alexandre de Gusmão, autor de um desses guias intitulado *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* (2004), nasce em Portugal em 1629 e vem para o Brasil em 1644. Logo ingressa na Companhia de Jesus onde escreve o manual supracitado direcionando-o aos pais que desejam educar seus filhos e aos estudantes.⁷ A obra traz importantes reflexões a respeito do ócio e de como se deve preencher o tempo livre, destacando a infância como período favorável para imprimir bons costumes no indivíduo.

A ociosidade (como diz o Eclesiástico) foi sempre mestra de toda a malícia, e ter os filhos ociosos no tempo da puerícia é cria-los na escola de todos os vícios. Por esta causa os antigos, que se prezavam na política (boa ordem, disciplina) dos meninos mais extremados, procuravam, como todas as veras (deveras), de os ter sempre ocupados, para que a ociosidade, que é origem de todos os males, não lhes abrisse as portas aos vícios, como costuma. Licurgo queria que, quando não tivessem outra ocupação, se exercitassem no correr e nadar. Os partos (habitantes da Pártia, região correspondente a parte do atual Irã) não davam de almoçar aos filhos, senão suados. E São Jerônimo conta que vira, em muitos lugares da Palestina, certas pedras, umas maiores, outras pequenas, em que os rapazes se exercitavam por lei da república, para fugirem à ociosidade.⁸

* Enigma de palavras.

⁶ Revista Popular, n. 4, 01 outubro – 16 dezembro de 1859, p. 331.

⁷ Venâncio, 2004.

⁸ Gusmão, 2004, p. 283.

No século XIX, um brincar civilizado é bem vindo na luta contra a ociosidade que pode levar aos vícios e aos maus costumes altamente combatidos pela higiene, que preconiza a ordem, o asseio e o equilíbrio. Os princípios capitalistas asseveram mais ainda a inutilidade do ócio, ligando-o ao trabalho. Diego de Oliveira Gómez Roig (2004) afirma que começa a vigorar, neste período, uma nova percepção de tempo que altera radicalmente o conceito de ócio. Valoriza-se mais o tempo disciplinado do trabalho por este ser produtivo, aumentando os lucros.

Os valores, a moral, os discursos, as disciplinas, passaram a atender os imperativos da produtividade. O tempo adquiriu valor, passou a ser comercializado, vendido ou explorado. O tempo de ócio é visto agora como tempo desperdiçado, indisciplinado, improdutivo, tempo que não contribui ao desenvolvimento da sociedade e à geração de riquezas.⁹

Este fato leva a uma outra função do brincar: como compensação do trabalho, como uma maneira de distrair e descansar dos “pesados encargos” do cotidiano. É o que sugere o cronista ao propor novos divertimentos que permitam o descanso das obrigações diárias.

O povo precisa de divertimentos que o distraiam dos pesados encargos com que luta. Os folguedos proibidos pela edilidade* são-lhe realmente prejudiciais; não só arrastam a uma despesa supérflua, como lhe podem trazer grandes desgostos. O que cumpre, pois, fazer para encaminha-lo melhor? Não é de simples intuição a conveniência de criar um novo gênero de recreio, menos dispendioso para ele, e mais próprio de um país, que se diz civilizado?¹⁰

O brincar é permitido por proporcionar um rendimento maior no tempo de trabalho. Este novo gênero de recreio não admite excessos nem despesas supérfluas e não pode ter ligação com os antigos folguedos, pois estes denigrem a imagem do país, são “prejudiciais”. Portanto, o tempo livre do trabalho deve ser ocupado com um brincar que distraia o indivíduo e o faça produzir mais e melhor. E é nesse raciocínio de distrair para

⁹ Roig, 2004, p. 7.

* Magistrado responsável por ditar regras referentes à polícia, limpeza das ruas e templos, obras da cidade, etc.

¹⁰ Revista Popular, n. 7, 26 junho – 10 setembro de 1860, p. 60.

produzir que o brincar recebe uma outra função: de descanso para a mente, princípio também defendido pela higiene, tema que será abordado no próximo capítulo.

É absolutamente preciso que se trabalhe durante as horas destinadas para o estudo: porém, nós excitamos nos nossos meninos a alegria e os impelimos para os folguedos quando estão em recreio, e até mesmo brincamos com eles.¹¹

Por ser “absolutamente preciso” o envolvimento total dos alunos nos estudos, o brincar simboliza um espaço livre da pressão dos estudos, colaborando no descanso intelectual. Após este descanso, espera-se que a condição mental favoreça o aprendizado. Talvez por isso o brincar seja tão incentivado pelos educadores do Liceu Roosmalen, instituição de ensino que atende aos meninos da elite carioca.

Na carta de D. Francisca a seu irmão, o Imperador D. Pedro II, a respeito da educação das princesas, essa função do brincar também fica evidente: “Toma bem sentido de não as cansar muito e que lhes não falte recreação no meio do trabalho... Isto é muito importante para a sua saúde, que sem ela nada é possível fazer-se de verdadeiro trabalho intelectual.”¹²

Alexandre de Gusmão também propõe brincadeiras que aliviem o cansaço dos estudos, mas que não deixem de instruir quem as brinca.

Para evitar, pois, a ociosidade nos filhos meninos cristãos foi sempre boa política, recebida de todas as nações, permitir-lhes alguns jogos e brincos pueris, honestos e próprios daquela idade, com que aliviem o enfado do estudo e fujam da ociosidade. Assim o aconselhava São Jerônimo, ensinando a um pai e uma mãe de famílias os exercícios em que havia de ter sempre ocupados seus filhos, que apenas lhe[s] dá tempo para respirarem, assinalando certos jogos pueris formados das letras do alfabeto, para que juntamente se recreassem e aprendessem as primeiras letras do ABC. O mesmo aconselha Aristóteles, falando particularmente do jogo da péla (bola utilizada em jogo), em que se devem exercitar os de pouca idade. [...] De muitos varões famosos no mundo contam as histórias que costumavam brincar e jogar com os meninos. Creio que não tanto por se divertirem a si, como pelos exercitarem a eles.¹³

O descanso intelectual aborda também o tema da saúde e, conseqüentemente, o desenvolvimento físico, pois para obter uma boa saúde é preciso ter um corpo e intelecto

¹¹ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 1.

¹² Mauad, 1991, p. 167.

¹³ Gusmão, 2004, p. 283-284.

desenvolvidos. No discurso higiênico, tão em voga no século XIX, saúde e desenvolvimento físico se complementam. Diante de um saber médico que se alicerça nas novas descobertas da ciência e que passa a desprezar o conhecimento popular por este ser empírico, as propostas higiênicas surgem arrasadoramente convincentes e servem de base para os educadores em seus discursos. Eis um exemplo na propaganda do Liceu Roosmalen, na qual um dos tópicos relevantes é a educação física.

EDUCAÇÃO FÍSICA

O edifício em que nos estabelecemos é perfeitamente adaptado ao fim que temos em vista: a pureza do ar, garantida pelo espaço imenso e pela cultura das plantas e das flores que nos rodeiam; o grande espaço de terreno permite os jogos, as carreiras, e todos os exercícios ginásticos tão favoráveis ao desenvolvimento físico e que tanto concorrem para o aperfeiçoamento das partes do corpo mal conformadas.¹⁴

Pensando nas funções do brincar no século XIX, surgem algumas questões que talvez incomodem o leitor contemporâneo: quem são os sujeitos que brincam? Será que adultos e crianças podem brincar nesta sociedade que busca a “incógnita” pela “razão”? Para quem o brincar existe?

Tantos questionamentos lembram a colocação de Phillippe Áries (1981) à respeito da maneira como a sociedade européia lida com seus jogos e brincadeiras nos séculos XVI e XVII. Áries afirma, baseado nos relatos da vida do príncipe Luis XIII feitos pelo médico Heroard, que adultos e crianças ouvem fábulas, participam de jogos e brincadeiras juntos, assistem lutas e corridas, dançam e interpretam. O autor conclui dizendo: “Parece, portanto, que no início do século XVII não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos. Os mesmos jogos eram comuns a ambos.”¹⁵ Isso acontece porque ao brincar esta sociedade encontra meios de estreitar laços, de estar mais unida e de manifestar sua religiosidade, mas com o tempo o brincar perde seu simbolismo religioso e comunitário. Neste processo ele torna-se mais reservado às crianças. Começa a ocorrer, então, uma diferenciação entre as

¹⁴ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 2, Coluna Casas Recomendáveis.

¹⁵ Áries, 1981, p. 88.

brincadeiras infantis e de adultos. As crianças menores, por exemplo, passam a ter seus brinquedos particulares e suas brincadeiras próprias.

Quanto aos louros pequerruchos, já não sabem para onde olhem; bonecos, carrinhos, soldados que obedecem ao movimento de uma moda imperceptível... oh! São muito felizes!... Deixai-os contemplar todas essas maravilhas...¹⁶

Assim, crianças pequenas passam a não se misturar com tanta frequência aos mais velhos. O distanciamento do adulto para com o universo infantil é fruto de um novo sentimento de infância já difundido na Europa e que no Brasil do século XIX é muito bem vindo, pois remete ao país a idéia de uma nação civilizada. Sentimento este experimentado pelo cronista quando, ao participar de uma festa religiosa, se constrange com a indelicadeza de um rapaz para com um pequeno menino.

Em Santa Rita quis o acaso, ou antes a fatalidade, que eu tivesse ao meu lado um mocetão* de 21 anos [...] e falando o português e o francês...

Vós sabeis, que quanto mais compacta é a multidão, maior número de crianças aparece; foi o que aconteceu. Um menino, acossado** pelos empurrões, veio cair sobre o janota afrancesado, e provavelmente pisou-lhe o melhor dos calos, por isso que ele exclamou logo: 'Ah! Mon Dieu! Mon Dieu!... Que menino este, senhores! Papa, donnez-y une place à cet enfant!' O papá [...] tratou de acomodar o melhor que pôde o pobre pequeno, vítima da brutalidade de certos marmanjos, que não sabem respeitar sexo nem idade.¹⁷

A irritação do moço, que parece ser educado por falar português e francês, só pode ser justificada por algo muito grave, pois fora isso não haveria motivo para irritar-se com uma criança pequena. Ainda assim o cronista apresenta o menino como vítima de uma barbárie.

¹⁶ Revista Popular, n. 9, 26 dezembro – 10 março de 1860-61, p. 57.

* Moço corpulento.

** Perseguido.

¹⁷ Revista Popular, n. 3,01 julho – 20 setembro de 1859, p.126.

Esse novo sentimento de infância lega à criança o merecimento de cuidados, afagos, carinhos e educação, por ser ela o futuro do país, aquela que poderá mudar costumes e alterar o perfil da sociedade.¹⁸ A preocupação com a formação da criança para o futuro é latente na propaganda do Liceu Roosmalen, ao falar da educação moral.

... dedicamo-nos sem reserva e com todo o afínco para formar homens de bem, laboriosos, morais, instruídos e capazes de desafiar a adversidade; no nosso método os interesses do presente são sacrificados aos do futuro; cada aluno recebe segundo as suas forças, a sua capacidade, o seu caráter, os incentivos ou as punições razoáveis, tendo sempre em vista este futuro.¹⁹

Machado et al confirmam esta preocupação quando falam da necessidade, no século XIX, de se controlar a vida da criança por meio de uma instituição voltada para ela: a escola. Esta exigência é justificada pela importância que a criança tem para a sociedade. “O progresso desta [a sociedade] depende do desenvolvimento saudável de cada indivíduo”. Assim, “torna-se-á possível uma futura [sociedade] moral e fisicamente mais sadia.”²⁰

O desenvolvimento moral, intelectual e físico é preocupação latente no século XIX. O progresso depende do perfeito desenvolvimento destes três aspectos. Dessa forma, o brincar oitocentista precisa atender aos objetivos do progresso, evitando excessos, colaborando para o perfeito equilíbrio do corpo saudável, educando, enfim, cumprindo as funções que a ele são impostas neste século.

Mas apesar da escola ser importante para este desenvolvimento e apesar da criança freqüenta-la para que a nação alcance o progresso, muitas crianças a deixam para ir brincar nos teatros, como conta o cronista.

¹⁸ Costa, 1983.

¹⁹ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p.1.

²⁰ Machado, 1978, p. 297.

Como se perdem tantas crianças, que ainda agora dão os primeiros passos na sociedade! Abandonam os livros, esquecem-se do colégio, e renegam a habitação paterna, para virem ao teatro satisfazer caprichos...

Estas considerações foram-me sugeridas na noite da representação de *Maria de Rohan*, pela criançada que gritava e pedia a repetição de vários pedaços de música bastante despedaçados, mas não concluídos.²¹

Parece, dessa maneira, que diante dos apelos e atrativos educacionais e higiênicos da instituição escolar e diante do progresso da nação a criança prefere brincar. Mesmo com um novo sentimento de infância internalizado, as crianças unem-se aos adultos nesta busca por “satisfazer caprichos”. Segundo o Dicionário Luso-Brasileiro (19--), agitar-se em movimentos caprichosos é o mesmo que brincar. Creio que esse brincar no qual se misturam adultos e crianças não prima pelos estudos e pelo desenvolvimento físico, moral e intelectual, mas tem como única finalidade o riso e o divertimento, e, talvez por isso, seja tão criticado pelo cronista.

Como pode ser observado, a criança continua a fazer parte do dia-a-dia dos adultos. Eles participam juntos de bailes, festas, teatros, etc. Em muitos momentos a convivência entre adultos e crianças vem à tona e suas brincadeiras aparecem não como contraponto, mas como ponto de encontro. Na poesia de J. Norberto de S. S., o autor, separado da família e morando em Petrópolis, evidencia o brincar comum tanto à infância quanto aos adultos.

...

Doce saudade a recordar-te a esposa
E os tenros filhos, como eu, tão longe,
Tão longe d' eles! Poderei mais vê-los?

...

Por essas horas no jardim, no meio
Das flores, aljofradas pela aurora,
Eu folgava com eles! Pela tarde

²¹ Revista Popular, n. 4, 01 outubro – 16 dezembro de 1859, p.268-269.

Ao descambar do sol, corria às praias,
 Testemunha também de nossos brincos*,
 Enquanto os pais anosos** praticavam
 Sob a copa argentada das nogueiras;
 Com eles, lá também brincando e rindo
 Entre os teus filhos, serafins mimosos,
 E lindos, de alva tez, madeixas de ouro,
 Via a amizade, hereditária e boa,
 Dos pais passar aos inocentes netos.

Oh! Nesta hora também por mim suspiram
 Do aguilhão da saudade transpassados;
 Irão talvez sem mim, rindo e folgando
 Por entre as flores a exercer seus brincos,

...²²
 ...

Considerando diferentes formas e lugares em que o brincar desponta; refletindo sobre a presença de elementos inicialmente contraditórios no brincar, como barbárie e civilização, crianças e adultos, atraso e progresso, entre outros, escolho o *entrudo*, o *teatro*, as *festas religiosas*, os *jogos de cartas* e as *reuniões* para maiores considerações neste estudo.

Entrudo

Segundo Adriana Romeiro e Ângela Vianna Botelho (2003), "... o entrudo era uma festa carnavalesca, da qual fazia parte uma série de brincadeiras, entre elas as que envolviam a presença da água." Às brincadeiras em que as pessoas "...atiram entre si água suja, farinha, ovos, pós de goma, cabacinhas de cera com água, papelinhos, laranjas, luvas de areia, barro, etc. na qual tem lugar um grande banquete, em que são servidas bebida e

* Brinquedos.

** Avôs.

²² Revista Popular, n. 8, 26 setembro – 10 dezembro de 1860, p.183-184

comida, especialmente carne de porco”²³, somam-se as chuvas torrenciais que parecem ser comuns nesta época do ano, tornando-se, portanto, impraticáveis para uma sociedade “civilizada”.

Dessa maneira, entendo o entrudo como forma e lugar de brincar o carnaval. Compreendo-o como forma porque o povo “brinca o entrudo”. O verbo brincar aqui dá ao substantivo entrudo uma característica peculiar: a de ser uma brincadeira... Compreendo-o como lugar porque o entrudo é um espaço onde ocorrem folguedos, ou seja, brincadeiras, jogos, danças, bailes e passeios de mascarados: atividades prazerosas para quem delas participa e para quem as assiste.

... o carnaval é a festa de todos, do rico e do pobre, do fidalgo e do plebeu, do poeta e do analfabeto, e até do velho e da criança, de todas as senhoras desde a mais pura até a mais transviada, com a diferença que umas se divertem nas janelas vendo os máscaras que passam, e outras divertem e se divertem passeando pelas ruas mascaradas, ou fazendo de conta que se mascaram.²⁴

É importante destacar que embora o entrudo seja uma festa proveniente da Colônia, ele permanece ainda por algum tempo na corte. Devido aos excessos e descontroles, característicos dessa manifestação, e descompassados com os comportamentos agora desejados, a elite oitocentista começa, então, a almejar um novo tipo de recreio, mais civilizado. Na tentativa de combater esse antigo festejo ocorre a mudança do termo “entrudo” para “carnaval” e um novo formato passa a ser apresentado: a festa pública, o entrudo, começa a separar-se da festa privada do salão, o “carnaval”.

Segundo Alencastro (1999), em meados de 1840, uma trupe falida, vinda da Itália para a corte, organiza um carnaval imitando o de Veneza. A festa produz êxito pelo seu caráter mais civilizado. “Civilizado porque mais europeu. Menos perigoso à saúde porque, no entrudo, além dos limões-de-cheiro, podia-se receber na cabeça o conteúdo dos penicos dos sobrados e as pauladas dos capoeiristas”.²⁵ Começa então a luta contra este costume

²³ Romeiro; Botelho, 2003, p. 124.

²⁴ Revista Popular, n. 13, 01 janeiro – 16 março de 1862, p.377.

²⁵ Alencastro, 1999, p. 52.

popular. A aversão que as pessoas bem educadas devem ter para com essa festa e suas brincadeiras é divulgada nas páginas da Crônica.

... sou obrigado a fazer-vos uma revelação, a que dou muita importância: tenho asco à máscara, voto plena aversão aos mascarados!
 Aborreço a máscara e os mascarados; na máscara não incluo essa tira de veludo ou de seda, que apenas defende contra indiscreta curiosidade a metade de um rosto traquinas...; do número dos mascarados excetuo aqueles que nos dias de folia disfarçam a imbecilidade da cara, moldada com a lucidez do espírito.²⁶

Dessa maneira, o entrudo passa a ser considerado uma “velha e prejudicial usança”. Velha por ser uma herança do Brasil colonial, prejudicial por ir contra os princípios da civilização européia, afetando a imagem de progresso e civilidade que a corte brasileira está preocupada em transmitir.²⁷ Maria Cristina Rosa afirma que “no carnaval, por exemplo, uma forma civilizada de brincar é imposta, quando o entrudo, a forma de brincar do início deste século, passa a ser considerado barbárie e selvageria das classes populares, uma prática *atrasada*, verdadeiro obstáculo ao *progresso*.”²⁸

Além de faltar para com as normas de conduta vigente, o entrudo dissemina práticas consideradas anti-higiênicas, algo que, no Brasil do século XIX, é repugnante, pois a higiene está em alta nesta época. Além disso, proibições e sanções políticas afetam a maneira do povo lidar com esse brinquedo.

Por jovem que seja o leitor, se recordará da origem do nosso carnaval, e abençoará conosco o nome do ilustre magistrado, cuja energia conseguiu extirpar dos nossos costumes esse fatal *entrudo*, d’ominosa recordação; bem como louvará a índole pacífica do nosso povo, e o seu amor pelo progresso, que o fez trocar facilmente por novo e inocente recreio, uma velha e prejudicial usança.²⁹

²⁶ Revista Popular, n. 9, 26 dezembro – 10 março de 1860-61, p. 249-250.

²⁷ Araújo, 2001.

²⁸ Rosa, 2004, p. 6.

²⁹ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p.56bis.

Apesar de Patrícia Lopes Vargas de Araújo (2001), afirmar que “...o que parece ter de fato contribuído para a permanência do entrudo ao longo do século XIX foi, digamos, a ineficiência das autoridades e uma certa conivência destas para com o festejo e sua realização”³⁰, me pergunto se a polícia, orientada em conter essa “velha e prejudicial usança”, realmente se deixa levar pelos ardores da brincadeira ou serão suas tentativas de controle frustradas devido ao pequeno número de policiais diante da multidão que brinca? A crônica dá algumas pistas:

... o povo fluminense tem o bom gosto de não brigar quando brinca, e jurou desde muito aos seus penates* não chorar nem fazer chorar, quando é ocasião de rir. É um povo que compreende o verdadeiro encanto de uma festa, e que é capaz de desesperar a todos os agentes da polícia pela habilidade com que nos dias de regozijo ou de divertimento público demonstra a inutilidade da intervenção dos mantenedores da ordem.³¹

Mesmo sendo um povo pacífico e amante do progresso, como o cronista denomina a população brasileira, ela estaria disposta a deixar de lado um antigo costume que a diverte tanto? Poderia um “ilustre magistrado” conter os hábitos de grande parte da população? Creio que o próprio cronista responde minhas perguntas quando diz que “por jovem que seja o leitor, se recordará da origem do nosso carnaval”. Isso pode indicar que, apesar das inúmeras tentativas de banir o entrudo dos costumes nacionais, ele ainda faz parte do cotidiano, inclusive da corte. Digo “da corte” porque muitas vezes, na Revista Popular, diz-se que o carnaval é a festa de todos, ricos e pobres, portanto, a corte também toma parte nesta brincadeira.

Participantes ou não do festejo, polícia e políticos também devem encontrar dificuldades em deixar para trás antigos costumes. Até mesmo os redatores da Revista Popular estão imersos neste conflito, demonstrando-o na própria escrita. Ora denominando a festa carnavalesca entrudo, ora carnaval, eles deixam transparecer o quão próximas tais manifestações estão uma da outra e o quanto a população participa de ambas.

³⁰ Araújo, 2001, p. 5.

* Compatriotas.

³¹ Revista Popular, n. 13, 01 janeiro – 16 março de 1862, p. 378.

É interessante destacar que o manual de civilidade de Roquette ensina que quando um banquete for dado na ocasião do entrudo, deve-se fazer o convite sete ou oito dias antes por causa das muitas reuniões que acontecem nessa época do ano.³² Este fato faz pensar que, mesmo sendo proibido pelas normas de civilidade, o entrudo está presente no Brasil e confunde-se, muitas vezes, com o novo “carnaval”. A relevância dessa festa na dinâmica social é exaltada também quando é possível observar uma jovem donzela pautar seu calendário por essa festa, indicando a importância que a mesma ainda tem para tal sociedade.

Dirigi-me a uma moça solteira: dezoito anos, presunção de formosura e de espírito, e segundo afirmam os pais, educação completa.

- Minha senhora, aposto que não sabe se ainda estamos na quaresma, ou se já passou a semana santa!

- Essa é boa! Sei perfeitamente.

- Tenha a bondade de dizer-me como e por que o sabe?...

- Olhe, sei que começou, porque já assisti este ano aos passeios dos máscaras, e fui ao baile da carnavalesca, e tenho ouvido dizer a papai que a quaresma principia logo depois do carnaval.

[...]

- E como sabe que ainda não passou a semana santa?

- Sei, porque ainda não recebi de presente nenhuma caixinha de amêndoas, sendo certo que ao menos meu primo Juca não se esqueceria de mim.

- Meti a viola no saco: a menina falava como um deputado.³³

Abro, aqui, um parêntese para ressaltar o que Maria Beatriz Nizza da Silva expõe a respeito do calendário anual e do horário diário serem programados pela alternância entre os momentos de trabalho e as “horas de distração e lazer”.³⁴ As festas têm, portanto, grande representatividade para a sociedade. As pessoas ainda pautam suas vidas por estes momentos de brincadeira e diversão.

³² Roquette, 1997.

³³ Revista Popular, n. 14, 01 abril – 15 junho de 1862, p. 123.

³⁴ Silva, 2003, p. 270.

Mas será que o trabalho e a festa são os “organizadores” do calendário social? Será que o trabalho realmente alcança este patamar de importância para a sociedade brasileira, como deixa transparecer a autora citada? Na *Crônica da Quinzena*, Carlos conta como os deputados esperam em Petrópolis ansiosamente pela volta à corte. Tanta ansiedade, diz o cronista, não é em função do trabalho...

Os deputados, recolhidos aos lares, aborrecem-se em suas províncias, como se fossem simples mortais; suspiram pelos dias de maio em que poderão gozar dos divertimentos da corte, passear pela rua do Ouvidor, dançar no Clube; e além de tudo isto, salvar a pátria.³⁵

Ainda que ambos, trabalho e festa, pautem o cotidiano das pessoas, compreendo que a segunda exerce maior influência sobre as mesmas. Concordo com Schwarcz ao dizer:

Longe do mundo isolado do campo, na corte carioca dos anos 1860 os horários passam a ser pautados por festas, rituais e passeios. Uma roupa para cada ocasião, passeios na rua do Ouvidor, encontros nas confeitarias, desfiles nos teatros, etiqueta nos jantares: era a nova agenda de atividades que cercava as elites, sobretudo da província do Rio de Janeiro.³⁶

Embora minha proposta nesta pesquisa não seja discutir o trabalho e sua relação com os festejos, este tema surge e possibilita inúmeras questões que poderão ser estudadas mais tarde. Ficam aqui, portanto, algumas considerações.

Retornando ao entrudo, mesmo com toda a resistência à sua extinção, ele começa a ser refinado e são incorporadas novas brincadeiras. Assim, os passeios dos máscaras e as brincadeiras com água pouco a pouco vão sendo substituídas pelos bailes dentro de teatros.

As sociedades carnavalescas preparam uma brilhante recepção ao Deus Momo, que este ano percorrerá as ruas em carro fechado; os aguaceiros guardam-se para essa ocasião, e incumbem-se de apagar as brasas cobertas de cinzas, que vagarem fora dos teatros. É forte birra a do entrudo! Porque em outro tempo era recebido com cascatas que se despenhavam dos sobrados, não tolera agora que lhe levantem arcos triunfais e lhe dediquem caricaturas.³⁷

³⁵ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 58 bis.

³⁶ Schwarcz, 1997, p. 30.

³⁷ Revista Popular, n. 9, 26 dezembro – 10 março de 1860-61, p. 186.

O “Deus Momo” passa a ser recebido de forma mais polida e novas práticas são agregadas a ele. Para assemelhar-se mais ao festejo europeu, devem prevalecer os trajes de pierrot e colombina, embora alguns excessos, “loucuras” e “extravagâncias” permaneçam...

Bate-nos à porta, minhas leitoras, o dia das loucuras, o domingo considerado *gordo* pelas extravagâncias que acarreta consigo.

O baile de máscaras de sábado será o grito de alarme, será a faísca elétrica, aplicada ao fio, que percorrerá o extenso círculo, formado por todas as classes da nossa sociedade.

Parece-me já estar vendo tudo em movimento; me figura assistir aos preparativos da grande batalha, em que o luxo, ligado ao espírito, ostentará as suas galas nos salões abertos aos *pierrots* e *débardeurs*!³⁸

Seu nome agora é Carnaval!

Teatro

Desde a época da colônia o teatro faz parte do cotidiano das pessoas e é um espaço onde o brincar acontece. As peças teatrais são encenadas durante as comemorações religiosas, natalícias, matrimoniais e cívicas.³⁹ Esse costume não muda muito no século XIX e as apresentações teatrais continuam a ser exibidas nestas ocasiões, como no dia 07 de setembro, segundo a descrição do cronista:

As cerimônias oficiais foram uma repetição das que se tem feito em anos anteriores: cortejo no paço da cidade, *Te-Deum* na catedral, grande parada à tarde, e espetáculo em grande gala no teatro lírico.⁴⁰

As pessoas freqüentam os teatros para assistir a uma peça ou a uma ópera, para participar de bailes, para assistir a apresentações circenses, enfim, para rir, para se divertir, para brincar...

³⁸ Revista Popular, n. 5, 01 janeiro – 16 março de 1860, p. 252.

³⁹ Romeiro; Botelho, 2003.

⁴⁰ Revista Popular, n. 3, 01 julho – 20 setembro de 1859, p. 394.



REVISTA POPULAR ILLUSTRADA

Janairo de 1860

Fig. 3: Figurino de Carnaval

... o povo diverte-se a seu modo com o teatro italiano, e enquanto lhe é permitido este gozo, não se distrai com objetos que lhe possam ser prejudiciais...⁴¹

O teatro é considerado uma boa diversão, pois quando estão em seu recinto, as pessoas não ficam ociosas nem envolvidas em brincadeiras prejudiciais. O fato da Revista Popular ter uma coluna intitulada *Teatro*, na qual são apresentadas pequenas peças teatrais, e de trazer reportagens inteiras dedicadas ao teatro e seus atores mostra a importância de tal atividade. Na coluna *Variedades* há uma reportagem inteiramente dedicada ao cantor de teatro que o denomina “a coisa mais extraordinária do nosso tempo”.

Se pelos lucros pecuniários, os aplausos, as ovações, e o falatório dos diários houvésemos de julgar a importância de um indivíduo na sociedade moderna, a quem daríamos o primeiro lugar? A quem a palma da supremacia?

[...]

Quem é pois este ente afortunado, que se eleva acima de todas as glórias, e para quem tudo é pouco; dinheiro, ovações e fama? Quem é este ente moderno, cujo aparecimento numa cidade desperta o geral regozijo; a cujos pés se lançam centenas de palmas e de coroas; cujo mérito é pago a peso de ouro; cujos momentos triunfais são aplaudidos com frenesi, apregoados por todos os periódicos do mundo e dão assunto inesgotável à conversação calorosa de todas as reuniões, jantares e saraus?...

... É o cantor! Sim, o cantor de teatro, o homem do século, o artista lírico, a música personificada, deificada, glorificada no soprano; *sfogato* e no tenor de força de grande *cartello*...⁴²

A paixão pelo cantor de teatro é aumentada com a vinda de muitos cantores estrangeiros para o Brasil. Segundo Alencastro (1999), eles vêm atrás dos ótimos salários pagos por aqui. Esse movimento é percebido em uma reportagem da coluna *Variedades*, de título “O teatro e seus atores”. Nela, a cantora, muito exigente, cobra pelos seus serviços uma “casa paga; de doze peças pelo menos”, “dois benefícios com óperas novas”, um

⁴¹ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 389.

⁴² Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 130.

honorário de “oito mil florins por ano por cada papel”, “dois meses de licença para viajar” e por aí segue a enorme lista de exigências.⁴³

Muito freqüentado, o teatro oitocentista é palco de brincadeiras de meninos:

Quando entro no salão do Provisório, e não vejo senão meninos que cochicham e esperam o sinal para darem bravos e baterem as palmas, suponho-me transportado a regiões desconhecidas, onde ainda não penetrou um raio de civilização.⁴⁴

É palco também de diversos bailes, como é possível observar neste caso em que o piso do teatro não suporta o peso da multidão que brinca o carnaval:

Ah! Perdão: esquecia-me de dizer que na última noite do carnaval houve alguns minutos de consternação, em que desmaiaram senhoras, choraram crianças, e estremeceram galhardos mancebos: foi no teatro Provisório, no momento em que algumas tábuas do tablado corrido sobre a platéia cederam ao peso da multidão, e abateram felizmente de um modo incompleto; logo porém cessou a perturbação e serenou o susto...⁴⁵

É palco de acrobatas e de bonecos fantoches, como no comentário admirado do cronista pela ausência de público às apresentações acrobáticas em exibição no teatro Lírico:

Não há precisão de ir ao teatro para ver o *Vamba* fazer proezas na corda; à rua da Alfândega n. 10 chegou um novo acrobata, que, se não excede em agilidade o já conhecido volatim* do Sr. Julio, leva-lhes as lampas** nas travessuras que executa,

⁴³ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 363.

⁴⁴ Revista Popular, n. 4, 01 outubro – 16 dezembro de 1859, p. 268.

⁴⁵ Revista Popular, n. 13, 01 janeiro – 16 março de 1862, p. 378.

* Volteador, pessoa que se equilibra sobre a corda.

** Vantagens.

*** Corda grossa sobre a qual andam os volteadores, equilibristas.

auxiliado por delgada maroma***.

Movido por um engenhoso maquinismo, e ao som de agradáveis peças de música, vereis um boneco de pequeníssimas dimensões saltar e pular compassadamente sobre a corda, tendo a seus pés três músicos, também em miniatura, que fingem tocar diversos instrumentos.

Ainda o progresso em cena!⁴⁶

É o único palco onde se pode recrear, ou seja, a única forma de brincar de grande parte da população, conforme coloca o cronista à suas leitoras da *Crônica da Quinzena*.

Muitas dentre vós tendes assistido a essas cenas de tumulto e de inqualificável desregramento com que um punhado de indivíduos de ocupação equívoca atropela os espetáculos, e afugenta dos camarotes as famílias para quem é o teatro o único divertimento.⁴⁷

Mesmo sendo um local de “boa” diversão, o teatro também permite desregramentos. Apesar da enorme afinidade desta sociedade com o teatro pelo fato de sua imagem estar relacionada à Europa, representada principalmente pelo canto lírico italiano e, portanto, ao progresso e ao refinamento dos costumes; e apesar de em seus espaços ocorrerem diversas manifestações do brincar civilizado, ele passa a ser mal visto devido à forma como as pessoas se portam dentro dele. Por tais comportamentos o teatro recebe a atenção da elite que busca um divertimento controlado. O cronista, pessoa que divulga e defende normas, sugere a repressão do comportamento bárbaro dentro do teatro São Pedro, um dos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro, alegando que dessa forma tanto o público quanto o teatro lucrarão.

O mau fado que persegue este teatro [São Pedro] é incansável em afugentar as famílias que ainda o freqüentam. Desfeitas a atores, insultos a espectadores, provocações acintosas partem constantemente de uma platéia desrespeitadora da autoridade, da decência, da boa

⁴⁶ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 59.

⁴⁷ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 192.

educação!

É tempo de se dar fim a estes abusos; o teatro muito lucrará com semelhante repressão, e o público, que não se excita nos motins, gozará tranqüilo do recreio que procura para si e suas famílias.⁴⁸

Mesmo com a separação das classes sociais nos diferentes espaços dos teatros, como afirma Maria Beatriz Nizza da Silva, a platéia, geralmente freqüentada por um público mais pobre, muitas vezes é criticada pelo barulho e confusão que faz. Esta platéia “desrespeitadora da autoridade, da decência e da boa educação” deve ser reprimida, afinal, “a um espaço diferente correspondia também um comportamento diferente...”⁴⁹

Apesar de não trazer um capítulo específico sobre como se portar nos teatros, Roquette orienta em seu manual de civilidade que o homem educado deve, em todas as ocasiões, buscar satisfazer o desejo dos outros e não o seu próprio. “E, na verdade, em que consiste o ser perfeitamente *polido*, senão em experimentar o desejo de ser útil e agradável; e de resolver-se a fazer, para o conseguir, muitíssimas concessões e sacrifícios aos outros, e que os convençam que preferimos sua satisfação à nossa?”⁵⁰

Não é esta a conduta de alguns dos freqüentadores dos teatros oitocentistas, por isso a sugestão do cronista em reprimir certos comportamentos. Na coluna *Variedades*, o autor sugere, diante dos desregramentos, da falta de controle e polidez do público, que o teatro cumpra a função de instruir a população, uma vez que a instrução deva estar presente, ainda que disfarçadamente, na diversão. Além do mais, não se pode esquecer que a instrução leva ao desenvolvimento intelectual, e soma-se a este o físico e o moral. Portanto, o teatro pode cumprir plenamente o papel de educar seus freqüentadores.

Volumosas e doutíssimas obras se tem escrito sobre o fim eminentemente moralizador dos teatros. Que destas instituições se pode fazer uma como escola de instrução e moral para as crianças de mais de vinte anos, é fora de dúvida, mas não menos é também que até agora tem a teoria prometido muito mais do que tem prestado a prática.⁵¹

⁴⁸ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 326.

⁴⁹ Silva, 2003, p. 272.

⁵⁰ Roquette, 1997, p. 63.

⁵¹ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 360.

Regina Horta Duarte comenta que na tentativa de controlar a população e imprimir nela os comportamentos esperados, a educação pelo teatro apresenta-se como solucionadora de problemas. A construção de edifícios específicos para seu funcionamento e a seleção de textos que não ofendam a moral dos que ali se entretêm fazem parte da pedagogização do teatro, aliando, neste processo, arte, ciência e civilização.

Como elemento educador, o teatro, segundo essa visão, organizar-se-ia da melhor forma possível para atingir seus objetivos pedagógicos: mais que uma simples escola, via-se nele uma escola viva de costumes, o que lhe conferia uma grande eficácia didática. Ali as pessoas, ao se divertirem, aprenderiam, e isso se aplicaria a várias faixas etárias pois, ao contrário das escolas comuns, freqüentadas por crianças e jovens, o teatro dirigia-se também a homens adultos, mulheres e velhos. [...] Os atores deveriam ser cultos, finos, geniais, enfim, elementos civilizadores, devidamente capacitados.⁵²

Em uma época em que conhecimento e comportamento civilizado andam lado a lado com a desordem, utilizar o teatro como instrumento educativo e moralizador é o que almeja a elite... No entanto, o fragmento acima demonstra que pouco disso acontece na prática. Os teatros continuam a ser espaços de brincadeiras, mas creio que lentamente o processo de refinamento aconteça.

Festas Religiosas

Festas religiosas e cívicas são descritas diversas vezes na Revista Popular. Destaco, aqui, as festas de caráter religioso por acontecerem em maior número e por serem sempre comentadas nas crônicas. Elas representam momentos nos quais a população se reúne muito mais para brincar e socializar do que para rezar. Na citação abaixo, a socialização está presente na conversa de coisas triviais adjetivadas pelo cronista de “asquerosas”.

O Largo do Paço torna-se impraticável na noite da procissão do enterro; o povo aglomera-se no seu recinto, forma uma massa compacta, e abre o dique à torrente das mais asquerosas conversações.⁵³

⁵² Duarte, 1995, p. 127.

⁵³ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 123.

Conhecedor das normas referentes ao comportamento na igreja e no paço, ou seja, no palácio, o cronista horroriza-se com a conduta do povo durante a tradicional procissão do enterro de Cristo, nas cerimônias da Páscoa. A sua reação diante do falatório do povo acorda com o conselho de Roquette sobre a maneira de portar-se no recinto dos monarcas.

No paço, meus filhos, deve-se falar pouco mais ou menos tão baixo como na igreja, andar também mui de manso e fazer diligência por não se fazer notar; em todas as circunstâncias é de bom gosto não buscar chamar a atenção sobre si, e até é útil aos mais vaidosos, porque é tão difícil o ser contente neste gênero, e tão doloroso o não sê-lo, que o mais seguro é não mostrar nenhuma pretensão, e o mais sensato não a ter.⁵⁴

Entretanto, pela citação anterior da Revista Popular, parece que esta não é a realidade. As pessoas conversam alto e continuamente a respeito dos mais diversos assuntos. Esta conduta pode ser repugnante ao cronista e a qualquer outro que siga à risca as normas de civilidade, mas para a maior parte da sociedade oitocentista esta parece ser uma prática comum. A conversa demarca o território da sociabilidade e sobrepõe-se ao território sagrado da igreja e do paço, que deve ser silencioso e respeitável.

Cabe lembrar que as festas religiosas reúnem grande multidão de todas as classes sociais. Este fato ocorre porque mesmo que haja alguma separação espacial para as diferentes classes, como acontece nos teatros, toda a sociedade ajunta-se nessas ocasiões. Portanto, se um membro da elite quiser participar de um desses festejos, mesmo que separado por algum galpão, terá que se misturar aos pobres, negros, marginalizados, etc. O cronista destaca essa miscelânea ao contar sobre a festa na Igreja de Santa Rita, conforme já foi citado, em que se reúnem crianças, adultos, jovens, homens mais educados e outros menos, gente rica ou pobre, instruída ou não, como o “mocetão de 21 anos” que tem seu calo esmagado por um pequeno menino.

Uma outra crônica evidencia a participação do Imperador e da Imperatriz nos festejos de Nossa Senhora da Piedade junto à população.

SS. MM. II. estiveram hoje presentes a uma das mais solenes festividades religiosas que tem tido lugar no Rio de Janeiro; foram ao templo da Cruz dos Militares assistir à festa celebrada em louvor da Santa Virgem da Piedade.⁵⁵

⁵⁴ Roquette, 1997, p. 108-109.

⁵⁵ Revista Popular, n. 7, 26 junho – 10 setembro de 1860, p. 316.

Sobre a participação de diversas classes sociais nas festas religiosas, Maria Beatriz Nizza da Silva, em seu capítulo sobre trabalho e festa nos primórdios do Império brasileiro, recorda que...

Nas cidades e vilas do litoral, ou no interior do sertão, os brancos ocupavam os seus momentos de ócio em atividades que variavam com a riqueza e o desenvolvimento das povoações onde se encontravam ou com as condições de maior ou menor sociabilidade. Se o branco da Bahia ou do Rio de Janeiro podia assistir a um concerto, mesmo um príncipe como Maximiliano Wied-Neuwied, nas suas explorações de naturalista no meio da floresta, tinha de confraternizar com índios, negros e soldados, limitar-se a passar as suas noites ao som das violas e dos cantares populares.⁵⁶

Não só nas festas religiosas, mas também nas festas cívicas, negros, índios, brancos, mestiços, elite e povo, todos se reúnem para encontrar uma forma de brincar, um jeito de gozar seu recreio. Porém, a participação em massa da população nas festas religiosas não é uma novidade do século XIX. A Revista Popular, ao tratar do período da Colônia na coluna *Contos e Narrativas*, mostra a multidão reunida nas festas. Após a procissão, passa-se aos folgares, ou seja, às brincadeiras. A representação de comédias, músicas e danças fazem parte do repertório. Um desses contos intitulado “O Caetaninho”, escrito por J. C. Fernandes Pinheiro, traz a narrativa de uma festa religiosa organizada pelos monges beneditinos na capitania de São Paulo no século XVIII:

Mais de três mil pessoas concorreram a esse lugar com o atrativo da festa da igreja e dos folgares que de ordinário lhes seguiam. Havia-se anunciado a representação de uma comédia; e tanto bastava para chamar o povo, sempre ávido desse gênero de espetáculos.

[...]

Trouxe a noite o começo do espetáculo profano e uma decoração digna do teatro, da peça e dos atores deslumbrou os felizes romeiros, pouco habituados a tais esplendores.

[...]

Não havia nessa época no Brasil nenhum teatro regular, e as representações executadas por curiosos faziam parte integrante das festas religiosas como no tempo de Gil Vicente.⁵⁷

⁵⁶ Silva, 2003, p. 270.

⁵⁷ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 5-6.

É importante notar a presença do elemento profano nas festas de caráter religioso. Ele revela como elementos aparentemente opostos convivem harmoniosa e/ou conflituosamente em um mesmo espaço. As representações profanas encontram espaço em meio à religião bem como a religião está presente em muitas falas e gestos destas representações.

Essa colocação faz pensar que em meio ao brincar permitido pela civilidade também há lugar para um brincar proibido. Talvez a ausência de teatros na Colônia obrigue o espetáculo profano e o brincar proibido dentro dos templos, mas pode ser apenas uma forma de desculpar práticas que já estão miscigenadas, que já convivem juntas e podem, muitas vezes, completarem-se. Tanto assim que no século XIX a constituição das festas religiosas não muda muito. As representações passam a acontecer dentro dos teatros, mas as formas de brincar continuam bem parecidas, bastante profanas. Além das procissões, da dança, da música e das representações teatrais, são incluídos bailes de máscara e apresentações de canto lírico. O caso exposto a seguir mostra um pouco das festas religiosas oitocentistas:

Custa a acreditar que no nosso século se queira dar a semelhantes farsas uma forma religiosa; é indigno que as imagens da Santa Virgem e do Senhor Morto sejam separadas por uma tão ridícula mascarada!⁵⁸

A revolta do cronista diante das formas de brincar que acontecem nas festas religiosas ocorre porque se espera do país civilizado uma conduta também civilizada. Além disso, os “códigos de bom-tom” da época anunciam que na igreja e, creio eu, no que a ela se refere, como nas festas religiosas, devem ser mantidos respeito e silêncio.

Mas não deve ser o tempo das festas religiosas destinado à oração? Não devem nestas ocasiões ser mantidos o silêncio e o respeito necessários à devoção? É o que adverte Roquette ao orientar sobre o portar-se na igreja.

Quando vos falo da igreja, meus filhos, não é para renovar as instruções que recebestes em vosso catecismo sobre o respeito que é devido à casa do Senhor, que só deve ser destinada à oração e contemplação das coisas divinas; [...] contudo, como nas igrejas vos achais em companhia de diferentes pessoas, e

⁵⁸ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 123.

como muitas vezes entrareis nas igrejas e templos por diferente motivo que o de orar, cumpre que saibais a maneira de vos comportar em tais casos.⁵⁹

Mesmo com as admoestações à respeito dos comportamentos na igreja, o autor admite que muitas vezes não é com a intenção de orar que as pessoas a freqüentam. Que intenções seriam estas? Poderia ser, por exemplo, a celebração de uma destas importantes datas nas quais até pessoas que não são adeptas à religião participam, pelo simples fato de estarem juntas, em sociedade? Poderia ser a vontade de assistir, nos dias de folguedo, a apresentação de uma cantora lírica o que faria com que uma multidão acoresse à igreja, uma vez que este canto é uma atração muito prazerosa e valorizada nessa sociedade?

Os conflitos entre a intenção que se tem e o comportamento que se apresenta refletem um país que deseja se auto-afirmar como nação em progresso, porém não abandona completamente tantas formas de brincar provenientes de hábitos e costumes de sua cultura. Essa tensão gerada permite que o brincar nas festas religiosas e em tantas outras práticas culturais permaneça e, ao mesmo tempo, seja refinado sem, entretanto, deixar de existir.

Jogos de Cartas

Meus senhores e senhoras, cheguem-se para cá; aproximem-se e dêem atenção! Vou propor-vos uma questão de importância, e dou um prêmio a quem responder a ela:

- Qual é a descoberta mais humanitária, mais útil, e mais admirável, que tem sido feita pelos homens?

[...]

... Eu é que vos vou dizer qual foi essa invenção extraordinária, magnífica, sublime, cujo autor tem direito às homenagens e à gratidão de todas as gerações presentes e futuras! Foi a descoberta das cartas de jogar!

Que de noites agradáveis têm sido passadas com o auxílio das cartas! Que de lances engraçados, risadas gostosas, logros divertidos, desapontamentos cômicos!...

Muitas vezes entretêm, dando lugar a uma diversidade extraordinária de jogos: écarté,

⁵⁹ Roquette, 1997, p. 71.

sólo, voltarete, manilha, lansquenet, burros de diversas nacionalidades, pacau, trinta e um, cassino, veado, viva l'amor, bisca, extenderete, marimbo, reversino, whist, bibibi...

Quem há hoje que não saiba jogar as cartas?⁶⁰

Os jogos de cartas surgem nas páginas da Revista Popular mais do que qualquer outra forma de brincar. No trecho citado, retirado da coluna *Variedades* cujo título é “A maior descoberta que se tem feito”, pode-se conhecer uma infinidade desses jogos e reconhecer a importância que eles têm para a sociedade oitocentista.

Em uma das colunas que trazem descrições de peças teatrais, o bilboquet é citado como um “jogo que exige muito sossego de espírito”.⁶¹ Na Crônica da Quinzena, o autor conta que “a monotonia do voltarete” distrai os homens que, vítimas de uma conspiração feminina, ficam sem par para o baile.⁶² O écarté é apresentado para um jovem estudante de direito que vai ao Rio de Janeiro durante as férias.⁶³

Na coluna *Variedades*, o autor descreve um novo livro que está sendo lançado na corte denominado “Curso de Experiência Repentino”. A obra é um verdadeiro manual para aqueles que desejam tirar proveito dos outros e contém importantes lições de como participar da vida social sem gastar nenhum dinheiro. Dentre as dicas do guia está a que se refere à maneira como se deve portar no jogo:

Na ocasião do jogo tende sempre uma história divertida e de interesse para contar aos parceiros (muito bom será se for uma história escandalosa de pessoa que todos da roda conheçam), e quando virdes que estão prestando mais atenção ao caso, arma-lhes o grilo.⁶⁴

Esta e muitas outras passagens insinuam o quanto o jogo de cartas é comum e faz parte do brincar do século XIX. É ele o responsável por “risadas gostosas”, “logros divertidos” e até “desapontamentos”, porém “cômicos”. Esses jogos são uma forma de brincar aprovada pela civilidade. Tanto é que Roquette traz um capítulo exclusivo sobre os

⁶⁰ Revista Popular, n. 8, 26 setembro – 10 dezembro de 1860, p. 36-37.

⁶¹ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 135.

⁶² Revista Popular, n. 4, 01 outubro – 16 dezembro de 1859, p. 204.

⁶³ Revista Popular, n. 5, 01 janeiro – 16 março de 1860, p. 192.

⁶⁴ Revista Popular, n. 7, 26 junho – 10 setembro de 1860, p. 70.

jogos e os jogadores e dedica-o completamente aos jogos de cartas, o que indica também a importância que tais jogos têm na Europa. Talvez por este motivo são bem aceitos na corte brasileira. Embora o autor do *Código do Bom-Tom* não seja muito adepto às cartas, ele admite que ao homem bem educado cabe conhecer a arte de jogar.

Bem quisera, meu filho, que não pegasses nunca em cartas, e que nem as conhecesses; porém, para fazer a vontade a alguns amigos e parentes de idade, ou porque às vezes falta um parceiro, é indispensável que um mancebo bem-criado saiba jogar.⁶⁵

Vê-se que os jogos de cartas fazem parte dos comportamentos considerados civilizados, mas será que todos eles estão incluídos nesta categoria? Há algum tipo de jogo de carta proibido pela moral e pela educação? Já que é possível pensar um brincar proibido e outro permitido porque civilizado, pode-se também pensar em jogos proibidos e permitidos? Roquette dá uma pista ao completar a advertência anterior:

Porém, toma a firme resolução de nunca jogares o que chamam “jogos de parar” ou “de dado”; e ainda que instem contigo para que o faças, responde decididamente que não, e tem palavra; todos aprovarão a tua firmeza em resistir a um divertimento em que nenhum lugar tem a razão e o juízo, senão a temeridade e o acaso.⁶⁶

Mas não são apenas os jogos com dados que devem ser evitados. Qualquer jogo que possa se tornar um vício é abominado.

Não exagero; tenho diante dos olhos diferentes convites para reuniões de família, em que, pretextando-se o festejo de um aniversário natalício, de um batizado, de qualquer coisa que termine por uma xícara de chá, atraí-se a mocidade inexperiente para o jogo, engoda-se a sua inexperiência com lucros efêmeros, e ao fim de um mês tem-se recrutado novos prosélitos do vício, a quem despojam da herança paterna para mais tarde também despojarem a de outros...⁶⁷

O *Código do Bom-Tom* também não tolera os jogos que conduzem o homem ao vício, dando peso às palavras do cronista e ao discurso da elite oitocentista:

⁶⁵ Roquette, 1997, p. 261.

⁶⁶ Roquette, 1997, p. 261.

⁶⁷ Revista Popular, n. 11, 26 junho – 10 setembro de 1861, p. 252.

Nestes jogos, ou latrocínios da cobiça, o menos que se perde é o dinheiro, posto que seja com tanto precipício e excesso, como chora a ruína de muitas famílias, em que os filhos primeiro se vêem deserdados que órfãos, os dotes das mulheres consumidos, e as filhas, em lugar de dotadas, roubadas. Outras perdas mais preciosas e mais para sentir arrasta consigo o jogo, em que a cegueira da cobiça não repara. Perde-se a autoridade, porque se diz que a mesa do jogo a todos iguala, contanto que tenham que perder, o que é contra todas as leis da decência e da honra. Perde-se o tempo, que, como diz Sêneca, é o maior tesouro que a natureza fiou dos homens... [...] Perde-se a amizade porque quando jogas com teu amigo, a tua tensão é que o que é seu seja teu, e a sua, que o que é teu seja seu. Perde-se a piedade, porque pela impaciência, raiva, inveja e mofina do que o jogo não favorece saem muitas vezes da boca do homem honesto juramentos e execrações que nunca proferiria se não jogasse. Perde-se a religião porque o taul* que não tem que jogar, cometerá roubos, não respeitará o sagrado nem o profano, para alimentar sua abominável paixão. E tempo houve em que até a liberdade se perdia... [...] Perde-se finalmente a alma, porque o homem dominado pela paixão do jogo não pode nem sabe cuidar no importante negócio de sua salvação.⁶⁸

O discurso de aversão ao vício de jogar é carregado de moralismo e de idéias próprias de um país civilizado, como ocorre nas duras reprovações às casas de jogo encontradas na Revista Popular.

São as casas de jogo, assegura-se, e com bom fundamento que, abertas à inexperiência e fraqueza, reduzem à mísera condição os neófitos** incautos***, que nelas buscam vitória cruzando lanças com mestres de esgrima.

É ali, diz a opinião pública, nestes estabelecimentos sem classificação, nesses hotéis, sombra de arvoredos, que o filho, por ingênuo ou perverso, vai arriscar a herança do seu pai; é ali, nesses clubes de fama dita universal, que estão as chaves, chaves peçonhentas do sigilo que cobre a negra crônica destes dias.⁶⁹

Alguns tipos de jogos de cartas têm como característica a aposta e acabam sendo proibidos por propiciar a ruína dos que se tornam viciados. Porém, isto não significa que tais jogos de cartas, mesmo proibidos, sejam totalmente evitados. Na prática eles continuam a fascinar e entreter muita gente, exigindo, entretanto, maior controle de quem os joga.

* Jogador por ofício ou hábito.

⁶⁸ Roquette, 1997, p. 262-263.

** Convertidos, pessoas que foram catequizadas.

*** Imprudentes.

⁶⁹ Revista Popular, n. 8, 26 setembro – 10 dezembro de 1860, p. 125.

Roquette apresenta alguns jogos de cartas lícitos e aceitos, jogos que os homens honestos “devem” jogar.

Os únicos jogos que o homem honesto deve jogar são os a que chamam de “vaza”, ou “carteados”, como o voltarete, o boston, o whist, o reversis, o piquet, etc.; mas como estes jogos têm regras, e certa combinação, não te metas a jogar em público sem as teres bem aprendido...

Jogos lícitos e ilícitos podem estar presentes nas tafularias ou nas mesas de saraus, participando de um brincar civilizado, mas muitas vezes fora do padrão esperado.

Reuniões

Segundo Alencastro (1999), quando os pianos começam a ser importados para o Brasil, um novo espaço privado de sociabilidade é inaugurado nos sobrados da cidade e nas casas das fazendas: o salão. Este lugar facilita ainda mais as oportunidades da sociedade se reunir. As reuniões são tantas e a concorrência é tão grande que, nas propagandas da Revista Popular, aparecem freqüentemente anúncios de pianistas para tocar nessas ocasiões (figura 2).

Mas independentemente da presença do piano, as reuniões sociais sempre existiram e muitas vezes são embaladas pelos sons afro-descendentes, como no caso do irmão Barnabé que entretém a noite de Natal no Brasil Colônia com o som do berimbau.

Passaram o Natal no colégio onde organizou-se um lindo presépio, que, afirma ele, fazia esquecer os de Coimbra, e onde o irmão Barnabé alegrava as noites com o seu berimbau.⁷⁰

Entretanto, com a vinda da corte e com a conseqüente difusão dos códigos de civilidade no país, a elite passa a privilegiar os sons europeus. A chegada do piano amplia o repertório de músicas importadas da Europa e as reuniões passam a ser embaladas por esses sons. Embora as partituras musicais da Revista Popular sejam, em sua maioria, valsas, andantes e alegretos, boa parte de seu espaço ainda é dedicado às modinhas e quadrilhas,

⁷⁰ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 137-138.

ritmos nacionais. Até mesmo o lundu⁷¹ continua a ser dançado e os tambores e agogôs ecoam nas festividades.

Alencastro (1999) afirma que os sons africanos não se desinstalam facilmente das festas e funerais. Assim como a dança, a música afro-brasileira apresenta-se como resultado de uma prática social, da onipresença da escravidão, pois o Brasil é um país que, mesmo com a proibição do tráfico negreiro em nível mundial, continua por algum tempo fomentando essa atividade. Com o término do comércio de escravos a população negra não aumenta, mas seu número já é considerável e suas práticas já estão incorporadas à cultura brasileira. Portanto, a dança e a música afro-descendentes não podem ser rapidamente extintas, apesar das inúmeras tentativas em civilizar tais práticas. Em uma das *Crônicas da Quinzena* o ritmo afro-brasileiro chama a atenção das autoridades para um baile de pobres que acontece na chácara de um senhor rico.

Mestre José, cozinheiro e escravo do Sr. R*, soube que seu senhor ia passar todo o dia de domingo fora de casa, e levaria consigo a família em peso. Projetou logo obsequiar seus numerosos amigos, e dirigiu-se a quem de direito competia, a fim de obter a permissão de batizar um filho...

O Sr. R* consentiu, e desde logo recomendou que não queria matinada na chácara; [...] e ansioso esperou o momento de ver a família de seu senhor pelas costas.

O bicho da cozinha abandona imediatamente as suas caçarolas, cavalga um dos animais...

Vai primeiro a uma tipografia, onde encomenda cartões de ingresso e cartas de convite...

Ao toque do Aragão, os salões estavam à disposição dos convidados e brilhavam à luz do gás. A música não se fez esperar... rompeu o baile... começou a gritaria.

O inspetor do quartirão incomodou-se com o *samba*, e sem ter recebido convite invadiu os salões para impedir que continuasse o baile de nova espécie...

Pouco tempo mais durou o folguedo; grande número de pares, cuja cor contrastava perfeitamente com a das luvas, foi surpreendido pela força policial, e levado a toque de chibata para a casa de correção.⁷²

⁷¹ Segundo o *Dicionário Histórico de Minas Gerais – período colonial*, o lundu é uma dança africana proveniente de Angola e do Congo, de ritmo forte e crescente, no compasso 2/4, marcado por uma espécie de sapateado e acompanhada com cantos e palmas. Ao chegar na América Portuguesa ela adquire uma nova feição e no século XIX é dançada até mesmo nos bailes públicos e privados (Alencastro, 1999).

Apesar das práticas culturais de negros e pobres serem combatidas no século XIX por estarem vinculadas à idéia de barbárie e atraso, vê-se que elas permanecem no cotidiano das pessoas.

Dentre as reuniões mais comuns da corte no século XIX em que o brincar manifesta-se, destaco pela quantidade de vezes que são citadas na Revista Popular dois tipos: os saraus ou *soirées* e os bailes.

O sarau ou *soirée*, como se fala na França, é

... aquela divisão do tempo em que a maior parte da gente, tendo preenchido as suas ocupações e deveres diários, busca algum desafogo ou desenfado na conversação e trato de pessoas estimáveis por sua instrução, qualidades, ou prendas; dá-se também com razão o nome de *soirée* a essa reunião de pessoas que para um tal fim de juntam nalguma casa. [...] A palavra *sarau* parece muito bem escolhida, se não para todos os casos, ao menos para alguns...⁷²

Os saraus ou *soirées* são momentos nos quais as pessoas lutam contra o aborrecimento e o desenfado. São reuniões em que o brincar acontece por meio da música, canto, literatura, conversação, etc. Na *Crônica da Quinzena*, Carlos descreve as formas de brincar comuns nessas reuniões e o prazer que proporcionam.

Em sua casa reúne o Sr. Conselheiro Cast... quase todas as semanas a maior parte das pessoas, que lhes são íntimas. O objetivo dessas reuniões é uma conspiração, e a polícia, sua vizinha, ignora-o completamente.

Conspira-se, ousa afirmar, contra o aborrecimento...

No penúltimo sarau, ao qual tive o prazer de assistir, esqueci-me de que, sem senti-lo, tinha-me tornado cinco horas mais velho; é verdade que as passei entretido por deleitável conversação e interessantes leituras.

Seria para rir se desse o contrário; o tempo corria ali tão rápido! A música e a literatura, muito bem representadas, absorviam-no, matavam-no. Ora impressionava uma magnífica balada imitada do alemão, pelo Sr. Dr. Card..., ora obrigavam o riso as extravagantes idéias da *Carta de Camões* e do *Menino e a cabaça*, duas novíssimas produções do Sr. Nov...

⁷² Revista Popular, n. 4, 01 outubro – 16 dezembro de 1859, p. 135-136.

⁷³ Roquette, 1997, p. 161-162.

Calava-se o piano tangido pelos dedos do Sr. Furt..., e logo começava o canto do Sr. Am..., inquestionavelmente o mais aplaudido dos nossos tenores de sala.⁷⁴

Os saraus também acontecem para celebrar casamentos, batizados e aniversários. Estas reuniões são concorridas por grande parte da sociedade, como em um *soirée* de aniversário, narrado por Donanfer, autor do artigo abaixo, publicado na coluna *Contos e Narrativas*.

Quem, em uma das noites mornas do mês de dezembro do ano de 1859, passasse depois das dez horas pela rua de S. Clemente, em Botafogo, veria lindamente iluminada a chácara de uma casa, onde corria uma festa alegre e doida, a supor pelo burburinho das salas, pelo perpassar dos criados com tabuleiros, e pela fileira de carros vistosos e muito brasonados, que se estendia pela rua afora.

Era um *soirée* de anos. O dono da casa, respeitador de todas as venerandas inseqüências, que nossos pais nos legaram, e que nossos filhos herdarão de nós, folgava com os seus amigos no dia em que um ano lhe era tirado dos poucos da sua existência.⁷⁵

Já os bailes têm como principal atração a dança que, de acordo com Roquette, é fonte de imenso prazer. “Entre todos os divertimentos da gente moça, nenhum há com que ela mais folgue do que a dança, a que por isso chamaram nossos antigos ‘folias’...”⁷⁶ A folia remete à idéia de folgar, divertir, recrear, brincar.

A dança pode ser considerada, no século XIX, como uma forma de brincar, de recrear. Este significado torna-se mais palpável quando o cronista compara o salão de baile à um campo de batalha em que cada passo é uma ação estratégica para conquistar o sexo oposto e vencer os concorrentes. Essa associação da dança com a guerra não é à toa, pois revela o elo entre a dança e as brincadeiras amorosas.

⁷⁴ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 381.

⁷⁵ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 193-194.

⁷⁶ Roquette, 1997, p. 147.

Um salão de baile apresenta, pouco mais ou menos, o aspecto de um campo de batalha, onde, antes de começar a ação, combinam-se os planos estratégicos, para derrotar o inimigo, que, por sua parte, não perde também um segundo em calcular a derrota do exército hostil...⁷⁷

As relações amorosas parecem estabelecer-se como um jogo, conforme afirma Phillipe Áries (1981). Este jogo é conduzido em meio a um grupo e sob regras estabelecidas pela comunidade. O segredo, a descrição, o silêncio, a comunicação por sinais e os sentimentos mascarados, tudo isso leva à intimidade e ao brincar.

Mas não é só para brincar os jogos amorosos que as pessoas freqüentam os bailes. Elas vão para rir, recrear-se e divertir-se. Para Roquette esses momentos são reservados à gente “moça”, mas a Revista Popular não deixa transparecer limites em relação à idade dos freqüentadores dessas reuniões. Pelo contrário, sempre que um baile ou sarau é citado, o mesmo é acompanhado pela expressão “reunião familiar”.

O fato de pessoas de todas as idades participarem de bailes faz pensar que este brincar, embora reservado aos jovens pelas regras de civilidade, faz parte do cotidiano das famílias oitocentistas. Famílias estas que, apesar de dançarem as valsas européias e de esmerarem-se no comportamento civilizado, se deleitam também fazendo críticas, sátiras ou falando de assuntos “picantes”, apresentando um comportamento nem sempre condizente com as regras então estabelecidas. Na *Crônica da Quinzena*, o autor mostra-se enfurecido diante da conduta de alguns cavalheiros que jogam ao invés de conduzirem as damas.

No Clube as senhoras folgaram de duas maneiras diametralmente opostas; as que dançaram todas as quadrilhas e valsas, tiveram o duplo prazer de envolver-se no turbilhão inventado por Strauss e de percorrer em seguida os salões abertos à crítica e ao motejo proferidos em segredo ou abafados entre dois sorrisos; as que descansaram durante uma parte da noite à míngua de pares, sentiram o duplo dissabor de ouvir a música entaipadas por duas fileiras de cavalheiros postados entre elas e os valsantes, e de lhes ser vedada a exibição do seu espírito, quando a outras se permitia esse gozo, incontestavelmente o

⁷⁷ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 119.

primeiro de uma reunião familiar.

Quereis ver arrasadas essas fortalezas inexpugnáveis à primeira vista? Não precisais lançar mão das metralhas ou de bombas inflamadas; basta que mandeis espalhar aqui e acolá as mesas do *voltarete* e do *écarté*, que foram transformadas em bancas de *lansquenet* ou do *monte*...⁷⁸

Roquette alerta sobre a maneira de se portar nas reuniões:

Já te disse, meu filho, quão respeitoso devias ser para com os velhos e eclesiásticos; agora acrescento que o mesmo deves fazer para com as senhoras; é do teu dever ceder-lhes o melhor lugar, nunca passar por diante delas, ouvir com atenção o que te dizem, e ver se precisam de alguma coisa para lha ofereceres.⁷⁹

Deve-se ser solícito em tudo para com as senhoras não permitindo que elas jamais fiquem enfadadas, tirando para dançar até mesmo as “desprovidas da formosura e da riqueza”.⁸⁰ Estas boas maneiras, que devem fazer parte do proceder do homem civilizado, não estão de acordo com a descrição do cronista. As mulheres ficam sem um par para a dança e são privadas da visão do salão e da apreciação da música porque alguns cavalheiros, ao invés de cumprir com os deveres que lhes cabem, preferem entregar-se à paixão do jogo, formando uma massa ao redor das mesas.

Aqui, durante o brincar, a sociedade mais uma vez burla regras. Apesar de toda a preocupação com os padrões de conduta, a própria elite deixa-se entreter nas diversas formas de brincar. Novamente a tensão entre o proibido e o permitido é revelada na dinâmica da vida.

⁷⁸ Revista Popular, n. 11, 26 junho – 10 setembro de 1861, p. 251-252.

⁷⁹ Roquette, 1997, p. 167.

⁸⁰ Roquette, 1997, p. 147.

BRINCAR PERMITIDO / BRINCAR PROIBIDO

Conforme tratei no capítulo anterior, creio que as diversas formas de brincar no Brasil, no século XIX, podem ser agrupadas em dois grandes grupos. Um que é *permitido* devido a aproximação que tem com as normas de civilidade vigentes. Outro que é *proibido* por desafiar tais normas, burlando-as de diversas maneiras.

O fato de existir, ao mesmo tempo, um brincar proibido e um permitido faz pensar, então, que algumas mudanças e permanências ocorrem. Cabe tentar compreender como isto acontece. Quais são as mudanças propostas? Quem as propõe? O que é permitido? O que é proibido? Quais são as permanências?

Ao refletir sobre essas questões demarco um tripé formado pela idéia de civilização, pela higiene e pela escola. Sobre esta base, estrutura-se o proibido/permitido que rememora o civilizado e o bárbaro, o atraso e o progresso, o lícito e o ilícito. Relações que abrangem diferentes práticas culturais, como o brincar.

Caminhando pelas linhas da Revista Popular, os melindres deste tripé começam a ser desvendados...

...ainda ontem me perguntavam porque havemos de abolir todas as velhas usanças quando somos tão avessos à criação de novas? Por que lançaremos à margem todos os folguedos que herdamos, quando nenhum passo se dá para substituí-los por outros?

Se as grandes fogueiras são incômodas pelo fumo que despedem, e pelo estorvo que causam à passagem dos carros, e até de quem caminha *calcante piede*, por que não se faz delas o mesmo que o desembargador Siqueira fez com as cascatas carnavalescas? Se é proibido vender-se fogo de artifício para lança-lo à rua, por que não se trata de chamar o povo à obediência do preceito da lei, por que não se lhe faculta um novo recreio para essas noites de folia, e se consente que ele infrinja uma ordem todos os anos publicada e sempre escarnecida?

[...]

O povo precisa de divertimentos que o distraiam dos pesados encargos com que luta. Os folguedos proibidos pela edilidade são-lhe realmente prejudiciais; não só o arrastam a uma despesa supérflua, como lhe podem trazer grandes desgostos. O que cumpre pois

fazer para encaminhá-lo melhor? Não é de simples intuição a conveniência de criar um novo gênero de recreio, menos dispendioso para ele, e mais próprio de um país, que se diz civilizado?¹

O cronista responsabiliza as autoridades por criar uma nova forma de brincar que não se oponha às regras de civilidade e alega que, se assim não procederem, a população não terá como se divertir de acordo com as normas estabelecidas. O desejo de um brincar permitido está expresso nas linhas da *Crônica da Quinzena*. Um brincar civilizado que estimule o povo a não burlar regras, mas sim obedecer ao que os padrões de conduta exigem. O pedido do cronista por um brincar controlado e sem excessos seria fácil se não houvesse aí outros valores envolvidos.

Se há um brincar permitido é porque há um outro proibido. Nas linhas da crônica é possível observar um e outro. O permitido está no recreio menos dispendioso para o povo, na distração dos encargos com que luta, etc. O proibido está nas cascatas carnavalescas, nos fogos de artifício, nas fogueiras das festas de junho, enfim, em todos os “folguedos herdados” dos antigos. Esta hereditariedade de velhos costumes, conforme escreve Patrícia Lopes Vargas de Araújo (2004), representa pertencer a uma sociedade primitiva, distante dos países europeus, que são modelos de desenvolvimento e civilização.

Ao escrever sobre a Europa, Norbert Elias (1994) afirma que a idéia de civilização remonta à Idade Média. Embora os comportamentos sociais desta época sejam diferentes dos atuais, eles estão em perfeita concordância com a necessidade daquele povo. Tais comportamentos não são “algo ‘negativo’, como ‘falta de civilização’ ou de ‘conhecimento (como é tão fácil supor de nosso ponto de vista)”, mas algo “importante e necessário para elas [as pessoas] exatamente dessa forma.”²

É o século XVIII, entretanto, o grande propulsor deste fenômeno. Conseqüentemente, o século XIX continua a carregar o refinamento das condutas como importante instrumento de distinção social. É neste período que o conceito de civilização é internalizado pelas classes altas e médias da sociedade européia. Agora, seu desejo é transmitir às demais nações esse mesmo código de comportamento.

¹ Revista Popular, n. 7, 26 junho – 10 setembro de 1860, p. 57-60.

² Elias, 1994, p. 81.

Baseada também em Norbert Elias, Patrícia Lopes Vargas de Araújo (2004) afirma que a noção de civilização está unida à de progresso, sendo o último decorrente da autoconfiança e identidade nacional que a idéia de civilização produz. Estes conceitos estão relacionados ao de urbanidade, pois a harmonia e o ordenamento social decorrem do refinamento dos costumes. Dessa maneira, “civilização, progresso e urbanidade podem ser concebidos como valores estritamente ligados, invocando imagens/imaginário referentes ao desejo, especialmente por parte das elites, de uma sociedade com hábitos, comportamentos e costumes considerados mais elegantes.”³

A idéia de civilização é impulsionada no Brasil principalmente com a chegada da corte. Diante de uma realidade colonial na qual as cidades estão abandonadas, a desordem urbana instalada e as doenças propagando-se, a necessidade de mudança torna-se latente.⁴ Pode-se, então, compreender a preocupação da elite brasileira com o progresso do país. Assim, a educação infantil passa a ser valorizada, pois a criança carrega consigo a possibilidade de libertação dos velhos costumes e a introdução de novas maneiras; é ressaltada a preocupação com a organização do espaço urbano por meio da relevância dada à higienização das cidades; e destacada a preocupação com a civilização por meio da mudança dos hábitos da população.

No entanto, a tentativa de mudar hábitos não é encarada, de forma alguma, com doçura. É sensível o quanto a sociedade resiste diante das tentativas de mudanças, talvez porque a idéia de civilização não seja significativa para ela. É sensível o quão longo será esse processo. Na *Crônica da Quinzena*, por exemplo, Carlos conta uma anedota, ou seja, uma história na qual duas senhoras, embora amigas, rivalizam-se no trajar. A moda é o único obstáculo entre aquela amizade. É por ocasião da compra de uma casa de campo, que o marido de uma das senhoras oferece um jantar e um baile e a anfitriã, não querendo perder para a amiga, descobre qual o traje que a rival usará na reunião. Usufruindo sua posição social, compra da costureira um pedaço do pano utilizado na confecção do vestido de sua amiga...

Apresentou-se a D. B... ocasião oportuna para dar choque á irreconciliável antagonista;

³ Araújo, 2001, p. 3.

⁴ Costa, 1983.

seu marido propôs-lhe festejar a aquisição de uma casa de campo com um esplendido jantar servido à sombra de copadas mangueiras...

[...]

Enquanto se trocavam esses cumprimentos usuais, que nem sempre significam o pensamento de quem os profere, uma menina traquina e travessa, como todas as meninas incumbidas da representação de cenas cômicas, saía de uma varanda lateral do edifício, e trazia presa á comprida fita escarlata uma macaquinha, que caminhava aos pulos, e fazia as mais extravagantes momices e requebras.”⁵

A macaca usa um vestido idêntico ao da rival da anfitriã, que, ao chegar à festa, torna-se motivo de riso geral. Nesta situação, vê-se o brincar proibido pelos manuais de civilidade prevalecendo diante das boas maneiras, pois Roquette, no *Código do Bom-Tom...*, aconselha à mulher jamais escarnecer ou gozar alguém.

Deves saber, minha filha, que a uma menina, e ainda a uma senhora, fica muito mal esse ar de desdém, escarnecedor ou gracejador, que entre nós é mui freqüente, e que muitas vezes pode acarretar grandes dissabores: não provoques nunca o ódio e a má vontade de qualquer pessoa que seja, só pelo prazer de rir de uma cara feia, ou de um toucado ridículo. Se te divertires, não mostres senão uma alegria moderada...⁶

Mesmo com essas advertências, a senhora que oferece o banquete não exita diante da possibilidade de zombar de sua rival. O gracejo e o escarnecimento são sinônimos de brincadeira. Ao dizer que “o ar escarnecedor e zombador é muito freqüente entre nós”, Roquette mostra o quanto esta prática é comum na sociedade portuguesa e, pelo que parece, também no Brasil. Apesar dessa realidade, o gracejo, a brincadeira e o riso devem ser sempre moderados, sempre censurados. Um outro aspecto que chama a atenção é o fato deste conselho ser endereçado somente às mulheres, como se aos homens o riso exagerado e a brincadeira fossem comuns e permitidos.

Neste ponto volto ao tripé citado no início deste capítulo, pois a idéia de civilização mostra-se como uma das molas propulsoras da regularização do brincar. Assim, reconhecer o impacto das mudanças sociais sobre a população é de fundamental importância para compreender o brincar oitocentista. Porém, além do conceito de civilização é preciso tentar

⁵ Revista Popular n. 4, 01 de outubro a 16 de dezembro de 1859, p. 252-254.

⁶ Roquette, 1997, p. 131.

entender também de que forma atuam a higiene e a educação neste estágio do processo civilizador.

Segundo Jurandir Freire Costa (1983), desde o Brasil Colônia, três instituições detêm o controle da população: a Igreja, o Estado e a família. A Igreja, na pessoa dos padres jesuítas, propõe a escolarização do povo, fator contrário às estratégias de Portugal. A família não compactua com as ordens impostas pelo sistema e a relação entre seus membros diz respeito mais ao sangue do que ao afeto. Portanto, as instâncias de controle populacional não se identificam.

Com a transferência da corte para o país, o Estado vê-se incumbido de garantir o enriquecimento, a defesa e a saúde do povo. O Brasil é inserido no mundo capitalista e precisa passar por transformações que o elevem ao mesmo patamar dos demais países participantes deste sistema econômico. Assim, o Estado assume o controle da população e a medicina higiênica surge como possibilidade de controle político individual e coletivo, propondo a normalização da sociedade no que diz respeito à saúde.⁷

A medicina que, desde o início do século XIX, lutava contra a tutela jurídico-administrativa herdada da Colônia, deu um largo passo em direção à sua independência, aliando-se ao novo sistema contra a antiga ordem colonial. Este progresso fez-se através da higiene, que incorporou a cidade e a população ao campo do saber médico.⁸

De acordo com Machado et al (1978), a saúde da população passa a fazer parte da política de Estado e é o objeto de intervenção da medicina higiênica. A abertura de faculdades de medicina no país e o combate às demais formas de cura são os primeiros passos que a medicina dá no sentido de se auto-afirmar. Concomitantemente, acontece a aproximação do discurso médico com a idéia de civilização nos diversos aspectos em que esta influencia a sociedade como, por exemplo, a moral, que se não estiver em equilíbrio pode ser causa de diversas moléstias. A medicina abarca, portanto, diversas preocupações. Ela opõe-se aos excessos e às paixões preconizando o equilíbrio. Uma outra preocupação é com o patriotismo, pois para ser patriota é preciso estar bem saudável. Uma terceira ocupação do discurso médico é a educação que pode despertar nas crianças qualidades úteis ao progresso da nação.

⁷ Machado et al, 1978.

⁸ Costa, 1983, p. 28.

Apoiado pelo discurso médico, o Estado lança uma política de reurbanização da cidade. O ar e a água, principais focos de preocupação da higiene, precisam ser tratados. A construção de casas mais arejadas, de parques e praças, de sistema de esgoto que facilite o saneamento das ruas; o secamento de pântanos e áreas alagadas e a mudança de hábitos como defecar e acumular as fezes em aposentos dentro das casas, tudo isso passa a ser apontado pela higiene. Assim, como afirmam Machado et al, é proposta uma grande reorganização da cidade.

Podemos perceber então como teoria e ação médicas visam não apenas e fundamentalmente à limpeza da cidade, a refazer um estado inicial atuando de modo lacunar e esporádico. O que é proposto é a própria transformação da cidade; e sua adequação a um plano geral de funcionamento e evolução; é a abolição de todo acúmulo e a ordenação de todo contato. Em suma, com a medicina social do século XIX, nasce o planejamento urbano.⁹

Em nome da reurbanização a saúde pública passa a ser o tema principal. Neste artigo da coluna *Higiene*, o ar e a água estão ligados à preocupação com a salubridade.

Esta cidade reclama incontestavelmente passeios semeados de arvoredo, que refrigere o ardor do sol e sanifique o ar.

E será deveras coisa muito difícil transforma-se o *inconjugável Campo de Santana* em um vasto *Parque*, e todas as nossas praças em outros tantos *squares*?

[...]

Noblesse oblige: - a primeira cidade da América Meridional – repetimos – tem imediata necessidade de passeios, que convidem a população a um exercício higiênico e a respirar uma atmosfera mais oxigenada, do que essa do interior da maior parte das nossas casas úmidas e mal ventiladas.

É nos grandes parques de Londres, é no *jardim das plantas* – no das *Tulherias* – nos *campos elisios* de Paris, - que a infância desenvolve-se e vigora – e onde o geral da população vai procurar a saúde para o corpo, e econômica distração para o espírito.

[...]

E se não cuidarmos seriamente disso, [...] os tubérculos tomarão proporções epidêmicas e a febre amarela terá direito de asilo.¹⁰

⁹ Machado et al, 1978, p. 274.

¹⁰ Revista Popular, n. 7, 26 junho – 10 setembro de 1860, p. 117-118.

O planejamento urbano aparece como incentivo à construção de parques e praças. As preocupações com o patriotismo, a moral e a educação estão presentes quando se fala em saúde, distração e desenvolvimento, respectivamente, pois para ser um bom patriota é preciso que a saúde esteja perfeita; para estar de acordo com a moral é preciso distração para o espírito de forma que este esteja sempre em equilíbrio; e para que a educação seja completa faz-se necessário o bom desenvolvimento do indivíduo.

Aqui surge um brincar permitido, um brincar que “distrai o espírito”, que “desenvolve e vigora”. Um brincar que está de acordo com o que a civilização preconiza, tal como a educação, a moral e o patriotismo. Neste contexto, o campo e os parques surgem como locais que possibilitam cuidados e condições preconizados pela higiene e recebem grande valor.

Segundo Machado et al, “quando a medicina tematiza o campo, trata de contrapor a pureza de suas condições atmosféricas às causas de insalubridade do ar confinado nas cidades e mais uma vez ressaltar o alto grau de periculosidade da vida urbana.”¹¹ Talvez esse seja o motivo de escolas manterem em suas grades curriculares passeios ao campo e parques semanalmente, como consta em uma propaganda do Liceu Roosmalen.

Há um passeio geral fora da cidade nos domingos e nas quintas-feiras de tarde: durante o passeio o professor faz observações sobre a história natural.¹²

Nestes passeios, denominados pela cronista de “recreativos e instrutivos” há espaço para um brincar permitido, um brincar dentro das normas de comportamento e civilização. Os passeios são instrutivos por conterem observações de história natural, servindo, portanto, ao intelecto. São recreativos por permitir brincadeiras para o repouso mental, facilitando a produção intelectual. Além disso, os passeios são em ambientes favoráveis à saúde pelo ar fresco e corrente.

¹¹ Machado et al, 1978, p. 260.

¹² Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 2-3.



REVISTA POPULAR ILUSTRADA

Outobre de 1860

Fig. 4: Passeio ao parque

Os parques e o campo são, portanto, locais próprios para o brincar comedido, o brincar no qual, segundo Roquette, “se conhece facilmente a pessoa bem-criada”. Dessa maneira, o *Código do Bom-Tom...* alerta sobre a conduta nestas ocasiões:

Estai prevenidos contra certa alegria inconsiderada que no campo se apodera dos mancebos, que muitas vezes os arrasta a divertimentos perigosos e turbulentos. Uns querem atirar ao alvo, outros remar em botes, estes montar em cavalos desinquietos ou mal ensinados, aqueles armar redouças, alguns brincar com água no interior da casa, pregar peças, etc. Todas estas coisas podem divertir se a prudência e discrição as dirigem...

No brincar e divertir-se é que se conhece facilmente a pessoa bem-criada. Conservai-vos sempre senhores de vós e não vos abandoneis nunca a uma alegria descomedida, que se anuncia por grandes gargalhadas, gritos descompassados, gestos desenvoltos; habituai-vos a brincar com decência, moderação e certa elegância e nobreza, que é o ornamento das almas bem formadas...¹³

Mas será sempre que o brincar presente no cotidiano das pessoas, principalmente nos campos e parques, é sempre comedido? Serão as brincadeiras frequentemente vivenciadas com moderação? Em uma de suas crônicas, Carlos revela as brincadeiras que acontecem no campo e, provavelmente, nesses passeios. Pela intensidade das expressões por ele usadas, como “rasgar a roupa e a pele”, ou ainda, “escalavrar os pés”, não parece que há aí muita preocupação com a moderação...

Havia ali muito ar livre, muita perspectiva encantadora...

...podia divertir-se correndo parte do dia atrás de um coelho, rasgando a roupa e a pele nos espinhos da mata, ou escalavrando os pés nos calhaus dos caminhos; podia recrear-se bastante, bocejando nas reuniões familiares, que quase diariamente tinham lugar nas habitações vizinhas.¹⁴

Mesmo que estas sejam ocasiões próprias para um brincar permitido, não significa que somente este brincar aconteça. Um brincar proibido caminha lado a lado com o permitido. A linha entre o comedimento e o extravasamento é muito tênue e pode ser ultrapassada diversas vezes, de um lado para o outro. Neste movimento, os passeios fora do tempo escolar, também aconselhados pela medicina, parecem não fazer parte do cotidiano da população, pois com exceção das idas à Petrópolis durante o verão, a corte dificilmente

¹³ Roquette, 1997, p. 302-303.

¹⁴ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 184-185.

se desloca até o campo ou até os parques. O cronista, embora a favor da higiene, também se revela preguiçoso diante de tal exigência.

O forte do Castelo, onde o Sr. Coronel Gabizo mandou construir um viveiro de beijos de frade e de manjerição da Índia, achou-se colocado tão alto... Quem tem a coragem de subir uma montanha íngreme...?

Eu declaro que não tenho valor para tanto e salva a exceção de alguns rapazolas que se ocupam em empinar papagaios, creio que sou acompanhado pela maior parte da população.¹⁵

Embora não muito praticados, os passeios ao campo e ao parque fazem parte da ginástica, exercício físico muito recomendado. Segundo o autor da coluna *Higiene* sobre obesidade e magreza, a ginástica engloba passeios, corridas, dança, esgrima e natação, como pode ser visto no fragmento abaixo:

Para expelir a grande quantidade de sucos nutritivos que se acumulam na massa do sangue, é preciso procurar aumentar todas as secreções... Recorra-se a uma ginástica contínua, como passeios até cansar, corridas, danças, esgrima e natação.

Nenhum desses exercícios deverá a princípio durar mais do que um quarto de hora, mas ir-se-á prolongando em cada dia mais quinze minutos, até completar duas horas.¹⁶

Talvez essas atividades possam aproximar a ginástica e o brincar, atribuindo a ambos um caráter muito peculiar: de ser um meio para desenvolver e aperfeiçoar as partes do corpo deformadas. Esta característica aparece na propaganda do Liceu Roosmalen e talvez facilite a ampla divulgação do uso da ginástica pela higiene.

... o grande espaço de terreno permite os jogos, as carreiras, e todos os exercícios ginásticos tão favoráveis ao desenvolvimento físico e que tanto concorrem para o aperfeiçoamento das partes do corpo mal conformadas.(Em França e nos principais

¹⁵ Revista Popular, n. 9, 26 dezembro – 10 março de 1860-61, p. 186.

¹⁶ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 239.

Estados da Europa estes exercícios são encarados como tão indispensáveis que são prescritos em todas as casas de educação.)¹⁷

É importante ressaltar, portanto, que a ginástica deve ser comedida e disciplinada. Assim o brincar que pode acontecer durante essa atividade não deve extrapolar os limites impostos, pois as formas de brincar os que excedem são proibidas pela higiene, que deseja controlar a vida dos indivíduos. Nessa tentativa de controle, a família passa a ser um importante trunfo na mão do Estado. A necessidade de uma vida mais recatada, mais familiar e mais íntima passa a ser valorizada em detrimento da sociabilidade menos privada, característica dos séculos anteriores.¹⁸

Na coluna *Higiene* que trata das causas de reincidência da febre amarela, o autor aponta como principal motivo da febre, a “vida mais ativa e afanosa, mais exposta aos rigores do tempo”, e “as noites roubadas ao sono”.¹⁹ Em outra coluna, sobre peças teatrais, o protagonista censura o amigo que leva uma vida desregrada, dizendo que “fica-se velho aos 30 anos quando se tem jogado, ceado e passeado desde a idade da puberdade.”²⁰ Dessa forma, passar várias noites em bailes e saraus, por exemplo, é uma prática que passa a ser abominada porque para se ter uma boa saúde é preciso uma vida mais recatada e familiar.

Segundo Jurandir Freire Costa (1983), agora é preciso que a família conheça um sentimento de afeto entre seus membros. Há, neste sentido, dois motivos bastante convincentes: primeiro porque este sentimento já está disseminado na Europa, o que pressupõe que faça parte da lista de sentimentos nobres e civilizados; segundo porque ele incita uma nova relação do adulto com a criança. Uma relação na qual a criança precisa receber mais afeto e cuidado, pois passa a representar o futuro da nação.

Como resultado da preocupação em civilizar a criança para, conseqüentemente, civilizar o país acontece um movimento de higienização das famílias brasileiras que ocorre concomitantemente com o desenvolvimento urbano. Junto com a Igreja, o Estado cria mecanismos para vincular os membros das famílias entre si. Dessa forma, um sentimento familiar entra em vigor. Aos pais agora cabe a educação das crianças. É preciso que eles

¹⁷ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 2.

¹⁸ Alencastro, 1999.

¹⁹ Revista Popular, n. 8, 26 setembro – 10 dezembro de 1860, p. 41.

²⁰ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 135.

envolvam seus filhos de cuidados higiênicos. Os passeios, os exercícios físicos, as vestimentas e o asseio, tudo é relevante nesta fase do processo civilizador.²¹

Sob as leis da medicina higiênica, pais e mães são levados a impor novos hábitos a seus filhos, mas nem sempre conseguem. A moda, por exemplo, não se intimida diante das recomendações médicas, pois mesmo com toda a importância dada ao brincar como favorecedor do desenvolvimento infantil e da saúde, ela continua a acomodar meninas em coletes apertados...

Outro inconveniente do colete nas meninas é fazer-lhes perder a vontade de brincar, correr e folgar, como pede a idade. A camisola de barbatana, que as comprime, torna-lhes difíceis e até penoso os jogos que exigem flexibilidade do corpo e rapidez de locomoção. E a saúde desfalece, perde-se a atividade folgazã*, e a frescura se fana. À noite, tiram-nas do estojo para, na manhã seguinte, as tornarem a meter nele. Pobres crianças, e é para tornar-vos mais sedutoras que, na sua cegueira, assim vos atormentam vossas mães!²²

A moda continua também a vestir meninas como mulheres adultas, como é possível ver nas imagens das propagandas de lojas de roupas femininas. Ao contrário dos anúncios de roupas masculinas, que distinguem homens de meninos, nestas propagandas não há qualquer distinção entre roupas de senhoras e de meninas (figura 5). No “figurino de moda”, parte integrante da *Crônica da Quinzena*, os desenhos dos trajes também não deixam distinguir a idade da modelo. Fica-se sabendo se é uma menina ou uma mulher adulta quando se lê a descrição do cronista (figura 6). Nos últimos exemplares da Revista Popular, no entanto, já se visualiza alguma diferenciação nas roupas de mulheres e meninas, o que pode indicar, quem sabe, que a sociedade começa a incorporar o sentimento de infância e a respeitar as normas higiênicas, destinando às crianças roupas mais confortáveis e possibilitando o brincar que promova a saúde (figuras 7 e 8).

²¹ Costa, 1983.

* Jovial, alegre, ociosa.

²² Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 273-274.

MODAS E FAZENDAS
 INGLEZAS, FRANCEZAS E DA INDIA
WALLERSTEIN MASSET E C.
OUVIDOR 70.

Artigos de todas as qualidades para homens e meninos; chapéus e bonés, panos; casimira, brins, fazenda para colletes; grande sortimento de camisas, roupa feita, luvas, meias, morim, linho, etc., etc.

FAZENDAS
 E MODAS FRANCEZAS
OUVIDOR 97, CASA EM PARIS
CATHERINE DAZON

Grande sortimento de fazendas francezas, sedas, em peças e em cortes de vestidos de todas as qualidades; rendas; bordados, chapéus para senhoras, grinaldas para bailes e casamentos. Apromptão-se com brevidade e perfeição.

Fig. 5: Casas de moda

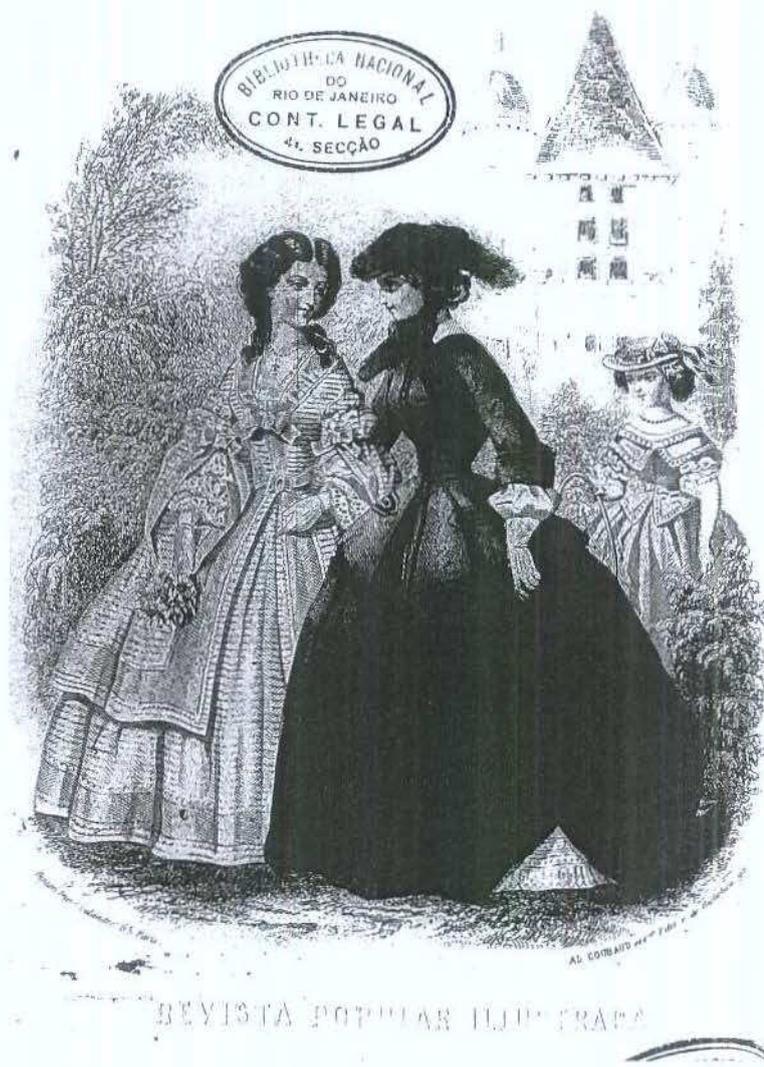


Fig. 6: Passeio de meninas



REVISTA POPULAR ILUSTRADA
Novembro de 1866

Fig. 7: Damas



REVISTA POPULAR ILUSTRADA

Fig. 8: Mãe e crianças

As mudanças acontecem no sentido de favorecer a saúde daqueles que serão o futuro, as crianças, mas também daqueles que as formarão, seus pais. Por isso, a higiene aconselha a todas as mulheres, independente da idade, desafrouxarem seus coletes e aos homens pede que valorizem a saúde feminina em detrimento da aparência. Estes e outros conselhos estão explícitos neste artigo sobre a moda na coluna *Variedades*.

Não resta, pois, dúvida que a compressão do colete é nociva à liberdade das quatro funções principais da economia: respiração, circulação, digestão e nutrição. Ora, é impossível pear o livre exercício destas importantes funções sem ocasionar no organismo graves desordens que se transmitem à posteridade. Facilmente se compreende que se a beleza, força e saúde de uma criança dependem de que nada lhe haja contrariado o desenvolvimento durante a sua existência intra-uterina, nunca uma mulher de cintura delgada, ventre chato, extenuada, contundida por um colete, poderá dar o ser a um ente bem construído e vigoroso. Finalmente, obsta o colete ao desenvolvimento dos seios, destrói-lhes a firmeza, achata-os, amolece-os, tornando-os frouxos antes da idade, podendo dizer-se que apressa a velhice, estragando as molas da vida

[...]

Bem o vedes, Srs., o uso do colete não é só funesto a quem o traz. Se não tomarmos tento, ainda ele pode vir a extinguir a raça, que esta moda ridícula e assassina ataca a mesma fonte da vida, tendendo a altera-la.

[...]

... Pensamos exatamente como o autor de *Fisiologia das paixões*, que é aos homens que se deve atribuir essa persistência do colete num país onde tão rápidas são as variações da moda. Não aos homens cordatos e de bom senso, mas a esses que trazem constantemente na boca essa parva exclamação: *Oh! Que linda cintura, que cintura delicada e encantadora, cabia-me nesta mão...* e outras que tais parvoíces. Ora, sendo da natureza da mulher gostar de agradar, segue-se que ela, ouvindo todos os dias render preito a uma cintura fina, aperta-se, aperta-se até arrebentar para que lhe dirijam igual cumprimento.

No mesmo dia em que os homens acharem ridícula uma cintura estrangulada, cairão por terra os coletes, as mulheres respirarão livremente, gozarão de melhor saúde, nem darão tão estropiada progênie.²³

²³ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 273-274.

Não resta, pois, dúvidas do interesse que se tem com estes conselhos da higiene: preservar a saúde da mulher para preservar a saúde de sua prole. É esta prole a detentora do poder de mudar velhos costumes e usanças e instituir novos hábitos, próprios de um país civilizado. É esta prole que merece brincar para desenvolver-se com perfeição. É por causa desta prole que a medicina cerceia o brincar de regras higiênicas e de comportamentos cada vez mais comedidos, cada vez mais civilizados. Mas apesar de tantas preocupações, a moda também burla regras sociais para se impor, transformando jogos e brincadeiras permitidas e aconselhadas pela higiene.

A moda impera como déspota sobre a linguagem, já prescrevendo, já banindo termos e expressões sem outra razão mais do que o seu capricho, sobre os divertimentos públicos e particulares, sobre os jogos, substituindo aos de força, os de azar, sobre as danças, trocando as figuradas pelas passeadas.

Não são os gostos eternos;

Teve o passapié amigos,

Ainda não há quinze invernos;

Foi a glória dos antigos,

Hoje é mofa dos modernos.²⁴

Nessa luta incessante pela saúde e civilização, a criança passa a ser a protagonista da história. Com isto, a educação da infância toma um novo sentido. Nas colunas da Revista Popular há artigos sobre educação, ilustração e instrução, termos valorizados no século XIX, pois engrandecem o conhecimento e a civilização, conceitos relevantes para a época.

Para compreender a dimensão desses termos busco seus significados em dicionários da época. O Dicionário Luso-Brasileiro (19--), por exemplo, conceitua *educação* como ato ou efeito de estudar, de desenvolver as capacidades físicas, intelectuais e morais. O Dicionário de Língua Portuguesa (1813) a compreende como um ensino que aperfeiçoa o entendimento, dirige a vontade e respeita o decoro. Em ambas as obras a *instrução* aparece como a educação estritamente intelectual, os conhecimentos adquiridos pelo ensino. A

²⁴ Revista Popular, n. 6, 25 março – 10 junho de 1860, p. 133.

ilustração é característica de quem tem muita instrução, de quem, por isso, é nobre e distinto.

No século em que a razão e a ciência imperam diante do conhecimento empírico, torna-se imprescindível o ensino intelectual. A instrução recebe muita importância. Os debates sobre a instrução pública, afirmam Luciano Mendes de Faria Filho e Irlen Antônio Gonçalves (2004), tornam-se cada vez mais intensos e a colocam como condição fundamental para a construção da ordem e do progresso. Dessa maneira, vários decretos e leis procuram afirmá-la por meio da obrigatoriedade da frequência escolar.

Entretanto, para que a criança se desenvolva perfeitamente, é preciso mais que educar somente o intelecto. Jurandir Freire Costa (1983) esclarece que se faz necessário também uma educação física, moral e sexual.²⁵ Andréa Moreno (2001) confirma que a educação do físico, que não é um problema individual mas social, está intimamente ligada à educação moral e intelectual, pois para manter um corpo saudável é preciso dormir uma certa quantidade de horas, alimentar-se, exercitar-se, etc. Portanto, os hábitos que não condizem com esse novo estilo de vida devem ser banidos. Para tal, é preciso mudar a mentalidade dos indivíduos para que estes criem hábitos comedidos, polidos e contidos. Surge assim a educação moral que juntamente com a educação física e intelectual formarão pessoas fortes, saudáveis, instruídas e civilizadas, qualidades úteis ao futuro da nação, como alertam Machado et al (1978).

Norbert Elias, ao escrever sobre o surgimento do termo civilização, diz que “o aparecimento mais ou menos súbito de palavras em línguas quase sempre indica mudanças na vida do próprio povo, sobretudo quando os novos conceitos estão destinados a se tornarem fundamentais e de longa duração...”²⁶ Assim, também, a utilização dos termos educação, instrução e ilustração denota uma nova necessidade no cotidiano da corte. A necessidade de criar uma geração cujo desenvolvimento seja completo.

Neste contexto, a educação recebe maior valor porque, além da ilustração, ou seja, do ensino, engloba a educação moral e a educação física. Nesse movimento, a mulher destaca-se, pois cabe a ela a criação e educação dos filhos.

²⁵ Escolhi não abordar a educação sexual neste trabalho, mas penso em destacá-la em outras oportunidades.

²⁶ Elias, 1994, p. 68.

A mulher passa a ser então, a mediadora entre os filhos e o Estado. Cabe a ela agora criar as “riquezas nacionais”, como afirma Jurandir Freire Costa (1983). Ela deixa de ser só reprodutora dos bens do marido e adquire força e brilho. Assim suas características físicas, sexuais e sociais são redefinidas. Este fato talvez possa ajudar a compreender a existência da coluna *Economia Doméstica* na Revista Popular e, até mesmo, a continuidade deste periódico com o nome *Jornal das Famílias*, endereçado especialmente ao público feminino. Além disso, surgem nesta época outras revistas totalmente direcionadas à mulher, como *A Mãe de Família*, editada entre 1879 e 1888.

O artigo da coluna *Instrução e Educação* expõe este novo papel da mulher como educadora:

... Entendemos que a educação é mais necessária do que a ilustração: nem todos podem ser literatos, mas cumpre que ninguém ignore as regras necessárias para ser estimado na sociedade. Sem excluir totalmente os homens, damos principal encargo em tão nobre tarefa às mulheres: se o leitor conheceu sua mãe, se ouviu suas lições, concordará conosco. Dirige-se a ilustração ao espírito, é obra dos colégios: pode fazer exímios sábios, não fará, porém, bons cidadãos. Faz-nos a ciência respeitados, e a educação queridos.²⁷

Mas será mesmo a educação mais importante que a ilustração? Serão as regras necessárias para viver em sociedade mais relevantes que o conhecimento literário? Não estão implícitas neste diálogo relações de poder, formas de opressão do mais rico sobre o mais pobre? Phillippe Áries (1981), em sua fala sobre as escolas européias, sugere que somente um ensino primário é delegado aos pobres por causa do medo dos pensadores iluministas diante do grande número de intelectuais que possam vir a surgir e da deficiência de mão-de-obra braçal. Essas idéias tão amplamente difundidas na Europa limitam a uma única classe social o privilégio do ensino longo e clássico, condenando a população ao ensino prático e inferior.

Embora essas idéias sejam referentes ao continente europeu, creio que elas possam estimular algumas inquietações no contexto nacional. Será que a elite propõe a educação em face da instrução por algum interesse econômico? Um povo que conhece seus direitos

²⁷ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 332.

pode se revoltar e querer mudar as estruturas sociais, mas uma população que só se preocupa com aparência e comportamentos, dificilmente discordará das vontades dos que estão no poder. Este tema não será explorado nesta pesquisa, mas abre portas para futuras reflexões sobre o assunto.

Retomando o papel de educadora atribuído à mulher, ela parece não dar conta de tal incumbência. Conforme a Revista Popular, diante de uma sociabilidade intensa no âmbito familiar, da má estrutura das casas e da indisciplina dos pais no cuidado com os filhos, a medicina higiênica propõe um lugar que, juntamente com os pais, eduque as crianças. É preciso um órgão que esteja sob o controle da higiene e das leis do Estado e que vá de encontro às regras da civilização. Entra em cena a escola!²⁸

Lançado o alicerce da educação, e havendo recebido o menino, ou menina, os primeiros elementos da ilustração, poderá então ser mandado para o colégio. Reconhecemos a superioridade do ensino simultâneo ao individual. Poucos são os meninos que aproveitam com o ensino dado em casa, onde a falta de regularidade nas horas de aplicação e de recreio, os estorvos das visitas, e também os incômodos de família, são poderosos obstáculos ao bom aproveitamento do mais favorecido talento. Opinamos em prol dos colégios bem dirigidos, onde a moral seja escrupulosamente bem guardada [...] Lembramos, porém, que os colégios não podem desempenhar as funções de educadores, que muita gente deles exige [...]

Não pode o colégio dar essa nova natureza que constitui a educação: ilustra o espírito, comunica-lhe o brilhante colorido das ciências e das letras, e considera finda sua missão.²⁹

A displicência com relação aos horários para estudo e recreio, a maneira de falar e agir diante das crianças e as formas de sociabilidade são comuns quando o ensino é realizado na casa da criança e impedem o bom aproveitamento do aluno. Tudo isto pode ser evitado pela higiene que, agora, domina o discurso escolar.

Estabelece-se então um programa a ser seguido, articulação de um minucioso controle e de uma minuciosa construção do corpo e da moral dos estudantes. Eles

²⁸ Costa, 1983.

²⁹ Revista Popular, n. 1, 04 janeiro – 15 março de 1859, p. 332.

devem levantar-se às seis horas, deitar-se às vinte e duas; quatro horas de estudo, três horas de curso, duas horas para as refeições, uma hora para banhos e cuidados de asseio, uma hora para musica e arte, uma hora para ginástica e quatro horas para jogos, esculturas e artes mecânicas.³⁰

Esses horários bem definidos mostram como o brincar passa a ter um tempo próprio e obrigatório, necessário ao bom aproveitamento do aluno. Os jogos recebem grande valor. A eles, juntamente com as esculturas e as artes, são destinadas quatro horas da rotina escolar, tempo igual ao que é destinado ao estudo. À ginástica, entendida como uma prática em que o brincar pode estar presente, é concedida uma hora diária. E como não podia deixar de ser, uma hora completa para o asseio corporal, já que a época prima pelos princípios da higiene.

A escola, no século XIX, introduz as práticas disciplinares como um de seus trunfos para alcançar um dos deveres que lhe cabe: desenvolver perfeitamente a infância. Com o auxílio da disciplina,

Os mestres tenderam a submeter o aluno a um controle cada vez mais restrito, no qual as famílias, a partir do fim do século XVIII, cada vez mais passaram a ver as melhores condições de uma educação séria. Chegou-se a aumentar os efetivos outrora excepcionais dos internos, e a instituição ideal do século XIX seria o internato, quer fosse um liceu, um pequeno seminário, um colégio religioso ou uma escola normal...³¹

Nestes locais utiliza-se a ginástica para que as normas disciplinares sejam cumpridas, talvez por esta obedecer aos princípios da anatomia e fisiologia, privilegiando a linearidade e a ordem.³² Segundo Machado et al (1978), a ginástica é usada para consumir as energias dos meninos e evitar que eles burlem regras higiênicas, se masturbando, por exemplo.

Além da ginástica, outros meios de controle são colocados em prática para obrigar as crianças a seguirem as normas impostas pela higiene. É interessante notar que no século XIX essas formas de controle não são brutais, como os castigos físicos, que estão diretamente ligados ao embrutecimento, à barbárie, ao vil e ao escravo, conceitos opostos ao de civilização. Elas passam a controlar o indivíduo a partir de outras instâncias, como a educação moral que, ensinada não só nas instituições escolares, transforma punição em autopunição, processo no qual o indivíduo contido e bem educado exerce autocontrole

³⁰ Machado et al, 1978, p. 303.

³¹ Áries, 1981, p. 191.

³² Ver Moreno, 2001.

sobre si mesmo. Essa mudança na forma de regular comportamentos aparece na propaganda do Liceu Roosmalen, ao detalhar como acontece nesta instituição a educação moral.

Aproveitamos todas as oportunidades para imprimir no espírito de nossos discípulos pensamentos de religião, de ordem, de bom senso, de dedicação e amor para com a família. O recreio, as refeições, os estudos, tudo é animado por este espírito moralizador que pouco a pouco se infiltra, sem esforços, na alma impressionável destas jovens inteligências: e já temos dado prova da nossa solícitude a favor da educação. Continuamos a não aplicar castigo algum corporal, castigo que rebaixa aquele que o dá, e que embrutece aquele que o recebe. Falamos ao espírito e ao coração de cada menino, e podemos dizer que estamos muito satisfeitos com a obediência de nossos discípulos.³³

A partir de agora o castigo torna pública a desobediência, causando constrangimento ao infrator. Essa idéia está de acordo com o conceito de civilização que deseja refinar e internalizar comportamentos de forma que aconteça o autocontrole e a obediência às regras de civilidade. Agora é preciso falar ao coração e ao espírito, não mais ao corpo físico, pois a punição deve vir de dentro do próprio indivíduo.

Outra forma de controlar os estudantes é o uso de uniformes, referendado pelos médicos. Machado et al (1978) acreditam que seu uso seja para padronizar os alunos e evitar ostentações. Na propaganda do Liceu o uniforme é instrumento que deve lembrar à criança que, por pertencer a uma instituição de ensino, precisa ter um comportamento comedido, próprio da civilização.

O uniforme de rigor é jaqueta azul-clara, boné dito com presilha de ouro, colete amarelo com botões de ouro...

Para os dias ordinários, calças e jaquetas de brim escuro.

O uniforme tem por fim fazer lembrar ao aluno que em todos os lugares será conhecido como fazendo parte de uma instituição que arvora em princípios a moral, a ordem, o

³³ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 1.

³⁴ Revista Popular, n. 2, 31 março – 16 junho de 1859, p. 4.

respeito dos outros e de si próprio, e que revestido deste traje nada deve fazer que desmintam a boa opinião que se tem do liceu Roosmalen.³⁴

Chamo a atenção do leitor para a cor do uniforme para dias ordinários. Por que será necessária uma roupa escura? Será para esconder a sujeira resultante das brincadeiras dos alunos? E que brincadeiras são essas: serão somente aquelas permitidas no tempo da ginástica e do recreio ou serão as proibidas pela conduta dita civilizada talvez escondidas nos silêncios, nas pausas respiratórias e nas vozes inauditas? Essas e muitas outras perguntas deixo neste trabalho para que sejam propulsoras de novas dúvidas, de outros estudos, de mais descobertas.

O brincar oitocentista permite muitos encontros e desencontros. Permite muitos descaminhos. Só proíbe o conformismo e a linearidade. Exige novas descobertas e clama por mais pesquisadores inconformados. Deixo aqui o meu rastro... Vestígios de um trabalho árduo que jamais será concluído.

REFERÊNCIAS

1. REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

Fontes impressas

1.1 Microfilmes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)

Código: PR SOR 3143 (1)

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 1, 04 jan. – 15 mar. 1859.

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 2, 31 mar. – 16 jun. 1859.

Código: PR SOR 3143 (2)

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 3, 01 jul. – 20 set. 1859.

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 4, 01 out. – 16 dez. 1859.

Código: PR SOR 3143 (3)

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 5, 01 jan. – 16 mar. 1860.

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 6, 25 mar. – 10 jun. 1860.

Código: PR SOR 3143 (4)

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 7, 26 jun. – 10 set. 1860.

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 8, 26 set. – 10 dez. 1860.

Código: PR SOR 3143 (5)

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 9, 26 dez. – 10 mar. 1860-61.

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 10, 26 mar. – 10 jun. 1861.

Código: PR SOR 3143 (6)

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 11, 26 jun. – 10 set. 1861.

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 12, 26 set. – 15 dez. 1861.

Código: PR SOR 3143 (7)

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 13, 01 jan. – 16 mar. 1862.

REVISTA POPULAR. Rio de Janeiro: Garnier, n. 14, 01 abr. – 15 jun. 1862.

1.2 Manuais

GUSMÃO, Alexandre de. **Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia** (Edição de 1685). Renato Pinto Venâncio, Jânia Martins Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROQUETTE, José Inácio. **Código do Bom-Tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX** (Edição de 1875). Lília Mouritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

1.3 Obras de Referência

DICIONÁRIO Luso-Brasileiro. Porto: Livraria Lello e Irmãos, [19--]. 4. v.

ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. **Dicionário Histórico das Minas Gerais – período colonial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário de Língua Portuguesa** (Fac-símile de 1813). 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1922.

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**Livros, teses, artigos, capítulos, monografias e documentos sonoros.**

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Introdução. _____ (Org.). **História da vida privada no Brasil: império e modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v. 2. p. 7-10.

_____. Vida privada e ordem privada no império. _____ (Org.). **História da vida privada no Brasil: império e modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v. 2. p. 11-93.

ARAÚJO, Patrícia Lopes Vargas de. Bárbaro Entrudo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES, V, 2001, Ouro Preto, Minas Gerais. **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2001. Disponível em: <<http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/CMS/cms0502.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2004.

A REVISTA no Brasil. São Paulo: Abril, 2000.

ARIÉS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARRO, João de. Mané Fogueteiro. Intérprete: Maria Bethânia. In: **Maria Bethânia ao vivo**. São Paulo: Polygram, c1995. 1 CD. Faixa 6.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. 3. ed. Mem-Martins: Europa-América, 1976.

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando F. da. Os exercicios gymnasticos no Imperial Collegio de Pedro Segundo (1841-1870). In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 69-81, set., 2003.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. v. 1.

FARIA, Eliene Lopes. “Apesar de você...”: o brincar no cotidiano da escola. In: **Revista Licere**, Belo Horizonte: Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR, Escola de Educação Física UFMG, v. 5, n.1, p. 13-22, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio. Processo de escolarização e obrigatoriedade escolar: o caso de Minas Gerais (1835–1911). FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **A infância e sua educação** – materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autentica, 2004. p. 159-187.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma: medicina social e instituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do segundo reinado. ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil** – império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v. 2. p. 181-231.

_____. A vida das crianças de elite durante o Império. DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 137-170.

MORENO, Andrea. **Corpo e ginástica num Rio de Janeiro** – mosaico de imagens e textos. 2001. pgs 245. Tese de doutorado em educação – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2001.

ROIG, Diego de Oliveira Gómez. **Uma breve história do ócio**. 2004. Monografia de conclusão de curso – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2004.

ROSA, Maria Cristina. Resistências, acordos e rebeldias: tensões no processo de escolarização dos corpos no século XIX. In: **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 39-48, nov., 2001.

SILVA, Márcio Aparecido de Freitas. O lazer e a infância: o brincar e a formação da personalidade. In: **Revista Licere**, Belo Horizonte: Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR, Escola de Educação Física, UFMG, v. 1, n.1, p.129, 1998.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Vida privada e cotidiano do Brasil na época de D. Maria e D. João VI**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução. ROQUETTE, José Inácio. **Código do Bom-Tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 7-39.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. _____ (Org.). **História da vida privada no Brasil - República: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v. 3. p. 7-48.

VENÂNCIO, Renato Pinto; RAMOS, Jânia Martins. Apresentação. GUSMÃO, Alexandre de. **A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.